



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*VINCULAÇÃO E PCA: RELAÇÃO ENTRE SISTEMA  
DE VINCULAÇÃO E SISTEMA DE EXPLORAÇÃO  
NA ADULT ATTACHMENT INTERVIEW*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Clínica e da Saúde -

*Dália Sofia Veiga-Correia*

Porto, Julho 2012



CATÓLICA PORTO  
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

# *VINCULAÇÃO E PCA: RELAÇÃO ENTRE SISTEMA DE VINCULAÇÃO E SISTEMA DE EXPLORAÇÃO NA ADULT ATTACHMENT INTERVIEW*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Clínica e da Saúde -

*Dália Sofia Veiga-Correia*

Trabalho efetuado sob a orientação de

*Professor Doutor Pedro Dias*

Porto, Julho e 2012

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Dias, por ao longo desta investigação ter contribuído de forma disponível e organizadora para a minha aprendizagem e crescimento intelectual.

Às pessoas mais significativas da minha vida dedico este percurso de exploração. À minha Mãe, que embora não esteja mais presente fisicamente, permanece a minha representação de base segura. À minha Mãe, agradeço profundamente o exemplo de enorme coragem, saber estar com dignidade e determinação que me guiam. Agradeço ao meu filho Marcos, pela alegria, energia, alento e amor incondicional que me pertite avançar ao seu lado sem hesitação.

Aos meus irmãos, por serem em muitos momentos o meu porto seguro. Agradeço por me terem proporcionado o apoio necessário para ter a capacidade de ascender a esta importante conquista de conhecimento e tão desejada realização pessoal.

Agradeço à minha tia Fátima e tio Arnaldo, o me terem proporcionado a disponibilidade necessária à realização deste projeto.

À Vera Gonçalves agradeço especialmente, pela amizade, disponibilidade, pelo exemplo de grande humildade e encorajamento constante.

Agradeço à Ana Magalhães, a amizade impar e constante, a cumplicidade e apoio ao longo destes cinco anos. Obrigada pela tua inabalável confiança e disponibilidade.

À Vanessa, por ter incentivado, acreditado e contribuído, para este projeto. Agradeço o teres sido fundamental e inesquecível em todo este progresso académico.

À Marta Rodrigues, pela amizade, incentivo e presença constante, particularmente nos momentos em que a dúvida surgiu.

À Professora Doutora Elisa Veiga, grata pelo apoio no tratamento de dados e disponibilidade demonstrada.

À Maria João, à Raquel, à Luísa e Cátia, agradeço o se terem tornado numa segunda família, a qual me apoiou demonstrando acreditar nas minhas capacidades para realizar este projeto.

À Dr.<sup>a</sup> Carla Corsello, agradeço os momentos de partilha e de confiança, os quais me ajudam a desenvolver em segurança.

## RESUMO

O sistema comportamental de exploração é complementar ao sistema de exploração (Jongenelen, 2004). Entender a organização mental face à exploração nos adultos torna-se particularmente importante no sentido de contribuir para a influência da vinculação durante esta fase desenvolvimental. Neste estudo pretendeu-se através da *AAI* examinar de que forma a história de exploração se encontra organizada num grupo clínico com perturbação do comportamento alimentar constituído por 21 mulheres, classificadas anteriormente (Dias, 2007) de acordo com um padrão de vinculação seguro, preocupado e desligado. A análise dos dados foi realizada com base num procedimento de análise de conteúdo de natureza semi-indutiva. Os principais resultados foram indicativos de diferenças na organização mental de exploração neste grupo clínico, sendo que as participantes classificadas com um padrão de vinculação seguro, revelaram-se mais seguras a explorar, percecionando um maior número de episódios de comportamento de exploração e promoção dos mesmos por parte das figuras parentais. Em relação às participantes classificadas como preocupadas, evidenciaram uma perspetiva mais negativa perante comportamentos de exploração, indicando um número elevado de experiências de exploração negativas em família, e ainda, pais como condicionantes negativos da exploração do meio. Por sua vez, as participantes classificadas desligadas foram as que indicaram menor número de comportamentos de exploração, desvalorizando os comportamentos.

**Palavras Chave:** PCA, Sistema de Vinculação, Sistema de Exploratório, *AAI*

## **ABSTRACT**

The behavioral system of exploration is complementary to the attachment system (Jongenelen, 2004). Understanding the mental organization beyond exploration behavior in adults becomes particularly important for knowing the influence of attachment during this developmental stage. In this study, we use the AAI to examine how the history of exploration is organized in a clinical group with eating disorders - 21 women, classified previously (Dias, 2007) according to different attachment pattern: secure, worried and disconnected. Data analysis was carried out using a procedure of content analysis of semi-inductive nature. The main results were indicative of differences in brain organization operating in this clinical group. Participants classified as having a secure attachment pattern proved to be safer to operate, describing a greater number of episodes of exploratory behavior and episodes in which parental figures promote exploratory behavior. Regarding the participants classified as preoccupied, they showed a more negative perspective towards exploratory behaviors, indicating a high number of negative experiences exploration promotion by the family, and parents were described as negative factors for exploration behavior. In turn, participants were classified with an disconnected attachment pattern indicated fewer exploratory behaviors, devaluing this type of behavior.

**Keywords:** Eating Disorders, Attachment System, Exploration System, AAI

INTRODUÇÃO .....	1
<b>PARTE I .....</b>	<b>4</b>
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E EMPÍRICO .....	4
<b>Capítulo I: Teoria da Vinculação .....</b>	<b>5</b>
1. Vinculação.....	5
1.1. Padrões de vinculação – A/B/C .....	7
1.2. Desorganização da vinculação – D .....	7
2. Vinculação na idade adulta .....	8
2.1 Modelos Internos Dinâmicos – MID.....	10
3. Avaliação da Vinculação na Idade Adulta.....	11
4. Adult Attachment Interview – AAI .....	13
<b>Capítulo II: Vinculação e Perturbações do Comportamento Alimentar .....</b>	<b>16</b>
1. Vinculação e Psicopatologia.....	16
1.1 Vinculação e Perturbações do Comportamento Alimentar .....	17
<b>Capítulo III: Relação entre Sistema de Exploração e Sistema de Vinculação .....</b>	<b>20</b>
1. Sistema de Exploração e Sistema de Vinculação.....	20
<b>PARTE II .....</b>	<b>27</b>
ESTUDO EMPÍRICO .....	27
<b>Capítulo IV: Metodologia .....</b>	<b>28</b>
1. Objetivos específicos .....	28
2. Participantes .....	28
3. Instrumentos de recolha de dados .....	29
4. Procedimentos de tratamento de dados .....	30
<b>Capítulo V: Apresentação, análise e discussão dos resultados.....</b>	<b>31</b>
1. Apresentação dos resultados .....	31
1.1. Sistema de categorias de exploração.....	31
1.1.1 Categoria da exploração – EXPERIÊNCIAS NOVAS .....	33
1.1.2. Categorias da exploração – COMO LIDAM OS PAIS .....	33
2. Categorização da exploração em função do padrão de vinculação – Seguro, Preocupado e Desligado .....	34

2.1.1. Indicadores da Exploração no padrão de vinculação Seguro (n=7) .....	36
2.2.1. Indicadores da Exploração no padrão de vinculação Preocupado.....	38
(n=7) .....	38
2.3.1. Indicadores da Exploração no padrão de vinculação Desligadas .....	40
(n=7) .....	40
3. Análise e Discussão dos resultados.....	42
Conclusão .....	46
BIBLIOGRAFIA .....	48

## **INDICE DE QUADROS**

**Tabela 1** – Sistema de categorias de exploração

**Tabela 2** – Categorias da exploração emergentes no padrão de vinculação Seguro

**Tabela 3** – Categorias da exploração emergentes no padrão de vinculação Preocupado

**Tabela 4** – Categorias da exploração emergentes no padrão de vinculação Desligado



## INTRODUÇÃO

O presente estudo, inscreve-se num projeto de investigação sobre a avaliação da vinculação e da exploração durante a Adult Attachment Interview (George, Kaplan, & Main, 1985) que pretende ser um contributo para promover a reflexão e a compreensão acerca da relação entre o Sistema de Vinculação e o Sistema de Exploração durante a idade adulta. Especialmente pretendeu-se identificar na Adult Attachment Interview (AAI), indicadores da história desenvolvimental, das participantes, representativos do seu sistema de exploração, e procurou-se caracterizar a organização mental face à exploração. A investigação aqui apresentada avaliou as especificidades do sistema de exploração, pelo que sendo este complementar ao sistema de vinculação, será também possível alcançar uma maior compreensão do fenómeno de vinculação. O trabalho desenvolveu-se a partir da análise de AAI anteriormente aplicadas a 21 participantes do sexo feminino com diagnóstico de Perturbação do Comportamento Alimentar (PCA).

A escolha do tema relacionou-se com o interesse pessoal da investigadora pelas temáticas em estudo, e também, para além disso constatou-se que embora exista alguma literatura e estudos exploratórios que correlacionem Perturbações do Comportamento Alimentar com insegurança de vinculação, são escassas as referências à relação entre este quadro psicopatológico e a exploração nesta população. Segundo Soares e Dias, (2007), a maioria das investigações que têm sido realizadas neste domínio sofre de limitações metodológicas importantes, o que não tem permitido retirar conclusões seguras acerca da importância relativa das variáveis analisadas.

Este facto foi assim constatado após ter sido realizada uma revisão da literatura acerca da relação entre a organização de vinculação e a exploração em quadros psicopatológicos, nomeadamente, PCA, verificando-se que não existem estudos neste âmbito, sendo que, considerou-se pertinente identificar através da AAI indicadores narrativos/discursivos de exploração no que concerne a este grupo clínico.

Como referido anteriormente, a organização de vinculação e a exploração são dois temas indissociáveis visto que as relações de vinculação influenciam o modo como o sujeito irá explorar o meio circundante, isto é, a estabilidade e flexibilidade do seu comportamento social. Existem, de facto, evidências que enfatizam a relevância da qualidade das relações de vinculação para mais e melhor exploração do meio ao longo da vida (Green & Campbell, 2000).

Desde os anos 80 do séc. XX, que um conjunto de investigadores se tem dedicado ao estudo da vinculação durante a juventude e idade adulta. Salientam-se os estudos de Mary Main e da sua equipa sobre a dimensão representacional da vinculação, dos quais resultou a construção da Adult Attachment Interview (AAI, George, Kaplan, & Main, 1984).

Os estudos que têm sido levados a cabo têm vindo a demonstrar a influência que a organização de vinculação poderá ter no percurso de desenvolvimento, e na vinculação durante a idade adulta. Estes trabalhos abrangem vários domínios, tais como as relações de intimidade (e.g. Hazan & Shaver 1987; Hazan & Shaver, 1990; Lima, 2010), a relação terapêutica (e.g. Ribeiro, 2009), a compreensão de problemáticas como a violência conjugal (e.g., Holtzworth-Munroe, Stuart & Hutchinson, 1997), e questões como a orientação sexual (e.g. Kurdek, 2002). Existem ainda outros investigadores que utilizaram a Teoria da Vinculação como quadro conceptual na compreensão de alguns quadros psicopatológicos em adultos (e.g. Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan & Shaver, 1995; Canavarro, 1999; Dias, 2007; Suldo, & Sandberg, 2000; Kenny & Hart, 1992; Mallinckrodt, McCreary, & Robertson, 1995; Moreira, 2004; O'Koon, 1997; Reindl & Lindsey, 2007; Soares, 2002; Ward, Ramsay, & Treasure, 2000).

A presente dissertação incidiu no quadro das Perturbações do Comportamento Alimentar, procurando avaliar a exploração neste tipo de psicopatologia buscando identificar indicadores da mesma na AAI.

A exploração de novos estímulos tende a ocorrer quando a acessibilidade da figura de vinculação está assegurada, o sistema de prestação de cuidados está medianamente ativado, o sistema de vinculação está desativado e o sistema de exploração ativado (Jongenelen 2004). Desta forma, pode conceber-se o sistema de vinculação como uma espécie de regulador da manutenção possibilitando a proximidade e a obtenção de segurança que permite a exploração (Jongenelen, 2004).

O sistema comportamental de vinculação funciona de modo complementar ao sistema de exploração. O sistema de exploração diz respeito aos movimentos de autonomia, procura, aprendizagem e exploração do meio circundante, de acordo com a segurança sentida em relação à(s) figura(s) de vinculação. Se a ativação do sistema de vinculação aumenta, diminui a ativação do sistema de exploração e, desta forma, há uma menor atenção à realidade circundante (Jongenelen, 2004). Se a interligação dos sistemas ocorrer neste sentido com muita frequência, diminui a competência do sujeito já que restringe as oportunidades de aprendizagem (ao nível de conteúdos, mas também ao nível das relações

e da socialização). O equilíbrio entre estes dois sistemas vai assim permitir a criação de uma base segura para a exploração do ambiente (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

A avaliação do sistema de exploração na AAI tornou-se pertinente, uma vez que nesta entrevista se avalia explicitamente o sistema de vinculação através da organização discursiva. Do nosso ponto de vista, foi relevante analisar também a forma como se encontra representado o sistema de exploração neste protocolo, visto estes dois sistemas atuarem em complementaridade.

O presente trabalho está organizada em duas partes e cinco capítulos. A primeira parte refere-se ao enquadramento teórico-empírico e a segunda parte é dedicada ao estudo empírico.

No primeiro capítulo é exposto e justificado o referencial teórico a partir do qual foi desenvolvido o estudo. Primeiramente é realizada uma abordagem teórica da evolução histórica sobre a teoria da vinculação ao longo do desenvolvimento e os principais conceitos que lhe estão relacionados, terminando com uma descrição da evolução dos estudos científicos da presente disciplina durante a idade adulta, dando especial ênfase à avaliação da vinculação do adulto através da AAI.

O segundo capítulo aborda a vinculação nas Perturbações do Comportamento Alimentar.

No terceiro capítulo dedica-se a atenção para a compreensão do papel desempenhado pelo Sistema de Exploração do sujeito, particularmente no que respeita à complementaridade entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração.

O quarto capítulo é dedicado ao estudo empírico, onde são apresentados os objetivos, os participantes, instrumentos e procedimentos de tratamento de dados.

Por ultimo, o quinto capítulo é referente aos resultados, bem como à análise discussão dos mesmos.

# **PARTE I**

## **ENQUADRAMENTO TEÓRICO E EMPÍRICO**

## Capítulo I: Teoria da Vinculação

“É agora claro que, não apenas para as crianças, mas para qualquer pessoa em qualquer idade, é mais fácil ser feliz e desenvolver as suas aptidões pessoais quando se sente segura de ter acesso a uma (ou mais) pessoas de confiança que a ajudarão, caso se depare com dificuldades. A pessoa em quem se confia proporciona a base segura a partir da qual o seu (a sua) companheiro(a) pode atuar” (Bowlby, 1973, p.407).

### 1. Vinculação

Embora considerado um dos constructos teóricos mais importantes, na área do desenvolvimento, a Teoria da Vinculação não é, contudo, uma teoria geral acerca das relações sociais, analisando apenas componentes específicas, de relações afetivas específicas. Procura, assim, compreender o modo como se utiliza o outro como base segura (a partir do qual se explora o meio, e como porto de abrigo a quem se regressa em momentos de necessidade/stress/ansiedade) e/ou se funciona como base segura (é-se sensível e disponível no encorajamento dos comportamentos de exploração, assim como, aos sinais de procura de proximidade e conforto) (Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005). Assim, a teoria da vinculação proporciona uma grelha de leitura sobre a ativação e regulação emocional em situações percebidas pelo sujeito como ansiogénicas ou ameaçadoras ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Qualquer referência ao trabalho pioneiro de Vinculação, temos necessariamente que nos referir primeiramente a John Bowlby e Mary Ainsworth, autores que ao longo da sua obra referem a importância da vinculação ao longo de todo o percurso de desenvolvimento do sujeito, embora se tenham focado na infância, e sobretudo à vinculação à figura materna (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Segundo Neves (2008), a criança estabelece uma relação privilegiada com uma figura adulta em particular, pelo que esta relação desenvolve-se num sistema interativo e complementar, em que se articulam o papel da criança e procura de cuidados, que lhe garantam a satisfação das suas necessidades primordiais de cuidado e afeto, e o papel do adulto contingente e responsivo às solicitações da criança. Pela constância e qualidade dos cuidados, o adulto tenderá a tornar-se para a criança numa figura de vinculação, constituindo para esta a primeira fonte de segurança emocional.

Nos primeiros meses de vida da criança, a proximidade da relação de vinculação é mediada pelo adulto, mas à medida que a criança vai adquirindo determinadas aptidões motoras e cognitivas, e uma gradual autonomia, esta passa a ter um maior controlo da proximidade e da procura de contacto, sendo a partir destes comportamentos que a vinculação se constrói e desenvolve (Bowlby 1969/82). A Vinculação consiste, pois, no modo como o sistema comportamental de vinculação se torna organizado em relação a uma determinada figura, designando a disposição da criança para procurar a proximidade e manter o contacto com essa figura. Embora as crianças se tornem vinculadas às pessoas que delas cuidam, a qualidade da vinculação pode variar na segurança e no conforto experimentado a partir dessas relações e, assim, na possibilidade de essas figuras serem para a criança uma base segura a partir da qual explora a realidade circundante (Ainsworth et al., 1978).

A vinculação prolongada e constante com as figuras de vinculação está integrada num sistema comportamental que inclui diferentes tipos de comportamento que procuram ser adaptativo e flexíveis às alterações do ambiente, integrando a informação sobre os objetivos estabelecidos e ajustando os comportamentos específicos (Bowlby, 1969/82). O sistema de vinculação cria assim sinais de perigo ou segurança que dão indicadores para a iniciação, ou não, de comportamentos de proximidade com a figura de vinculação.

“Estes acontecimentos agrupam-se em duas categorias, nomeadamente, aqueles que indicam a presença de perigo (físico ou psicológico) e os que permitem localizar e avaliar a acessibilidade (física ou psicológica) da figura de vinculação. Perante informações de que existe perigo – indicado por sentimentos de mal-estar – a criança desenvolve comportamentos que visam a obtenção de proximidade com a figura de vinculação que só serão terminados após alcançada essa proximidade – que se traduzirá em sentimentos de conforto e segurança” (Dias, 2007 p.15).

Este sistema comportamental que rege os movimentos de proximidade/afastamento em relação às figuras de vinculação encontra-se espelhado em duas concepções importantes da teoria da vinculação – a utilização da figura de vinculação como base segura e como refúgio de segurança. A figura de vinculação enquanto base segura proporciona a exploração da realidade e do meio que circunda à criança, por outro lado, a figura de vinculação como refúgio, permite o sentimento de proteção e segurança à criança quando exposta a situações percecionadas como ameaçadoras e/ou perigosas (Ainsworth et al., 1978).

### 1.1. Padrões de vinculação – A/B/C

Ainsworth estudou as diferenças individuais refletindo a organização do comportamento da criança no contexto da relação com a mãe ao elaborar uma situação laboratorial conhecida como *Situação Estranha*, a qual se procede em oito episódios (Ainsworth & Wittig, 1969). A *Situação Estranha* permite estimular o comportamento da criança, para possibilitar a avaliação da forma como esta utiliza a mãe como base segura, a reação da criança a estranhos e à reunião com a mãe. Esta avaliação permite classificar as crianças num de três grupos, que se caracterizam por distintos padrões de organização comportamental (Ainsworth et al., 1978): grupo A – inseguro-evitante; grupo B – seguro; grupo C – inseguro-resistente ou ambivalente.

O grupo A – inseguro-evitante caracteriza-se pela presença de comportamentos de evitamento na procura de proximidade, de interação ou de contato com a mãe após a separação. As crianças deste grupo manifestavam uma aparente despreocupação com a saída da mãe, relativamente ao comportamento de exploração, este mantinha-se constante ao longo de todos os episódios. As crianças classificadas no grupo B – seguro caracterizavam-se por comportamentos de procura ativa de proximidade e interação com a mãe, principalmente nos episódios de reunião. O grupo C – inseguro-ambivalente/resistente é composto por crianças que manifestam uma ambivalência de comportamentos, balançando entre a procura de contato com a figura de vinculação e a resistência ativa a esse contato, o que se observa principalmente durante os episódios de reunião. As crianças deste grupo apresentavam, ao longo dos episódios, um comportamento de exploração pobre, demonstrando uma forte passividade (Ainsworth et al., 1978).

### 1.2. Desorganização da vinculação – D

Para além destas três categorias Main e Solomon, (1990) identificaram um quarto grupo – D (desorganizado/ desorientado) referente às crianças avaliadas na *Situação Estranha* não passíveis de serem classificadas numa das organizações comportamentais anteriormente referidas - A/B/C - visto apresentarem comportamentos bastante heterogéneos.

Ao contrário das crianças classificadas num dos padrões organizados de vinculação, estas crianças apresentavam ausência, nalguns casos momentânea, de uma estratégia coerente de vinculação numa situação de *stress* no procedimento da *Situação Estranha* de Ainsworth impossibilitando a sua classificação num padrão organizado (Main & Hesse, 1990).

A criança, tendencialmente procurava proximidade quando se sentia ameaçada, qualquer comportamento da figura parental que diretamente a ameace-se, colocava-a numa situação paradoxal irresolúvel: não se podia aproximar (estratégias segura ou insegura-resistente), nem afastar a sua atenção (estratégia insegura-evitante) existindo assim, um colapso de estratégia levando a momentos de desorganização comportamental, sequências ou simultaneidade de comportamentos contraditórios, de comportamentos bizarros, de posturas anómalas, de estereotípias, entre outros (Main & Weston, 1981).

Assim, a ausência de uma organização coerente do sistema comportamental de vinculação, para a figura de vinculação, constitui-se no traço comum entre estas crianças o que permite classificá-las no grupo desorganizado/desorientado (Main & Solomon, 1990).

## **2. Vinculação na idade adulta**

A partir da década de 80 do séc. XX, um conjunto de investigadores ofereceu contributos distintos que tornaram relevante o estudo da vinculação durante a juventude e idade adulta. Entre eles, salienta-se a entrevista que avalia as diferenças individuais na representação da vinculação na idade adulta, a Adult Attachment Interview (AAI; George, Kaplan & Main, 1984; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985).

O período de transição para a idade adulta é marcado por questões relacionadas com a intimidade, a autonomia e competência. Seguindo a perspetiva da vinculação e do desenvolvimento adulto, é inegável que estas mesmas capacidades e competências são exigidas ao sujeito como forma de realizar com sucesso as tarefas de desenvolvimento ao longo do tempo, estando estas relacionadas com as experiências, relações e contextos às quais é exposto (Canavarro et al., 2006).

Assim, a vinculação pode ocupar um lugar de destaque, não só pela história prévia de relações de vinculação do sujeito (presentes nas diferenças individuais), mas também pela ativação permanente do sistema de vinculação.

“O conceito de vinculação do adulto pressupõe duas ideias fundamentais, com importantes implicações para os processos de avaliação. A primeira prende-se com a assunção sobre os aspetos normativos do sistema de vinculação e com a sua relevância durante a idade adulta; a segunda, com a presença de diferenças individuais na organização da vinculação, no contexto das relações interpessoais” (Crowell, Fraley & Shaver 1999; cit. in Canavarro et al., 2006, p.12).



Ainsworth (1991) considerou o fenómeno de base segura como o elemento central da vinculação ao longo da vida, referindo que uma relação de vinculação segura é aquela que facilita o funcionamento e competência fora da relação.

De acordo com Weiss (1982) a vinculação na idade adulta difere da estabelecida na infância, uma vez que durante a idade adulta as relações de vinculação, são, habitualmente, estabelecidas entre pares, e o sistema comportamental implicado não se destaca tanto dos outros semelhantes, dado não estar em causa a sobrevivência e, por último, o autor aponta a sua inclusão em relações que comportam dimensões de envolvimento sexual.

Na literatura, a vinculação do adulto surge concetualizada de três formas distintas (Berman & Sperling, 1994; Shaver & Mikulincer, 2000 cit. in Canavarro et al., 2006): vinculação como estado, que emerge em situações de *stress*, num esforço para restabelecer contato com a figura de vinculação; vinculação como traço ou tendência para formar relações de vinculação similares ao longo da vida; vinculação como um processo de interação no contexto de uma relação específica.

Nas investigações mais recentes, a forma mais comum de concetualizar a vinculação do adulto prende-se com a assunção da existência de diferenças individuais estáveis ao longo do tempo. Subjaz a esta conceção a ideia de que modelos internos dinâmicos específicos determinam as respostas às separações e reuniões, reais ou imaginadas, da figura de vinculação (Canavarro et al., 2006).

Existem diversos trabalhos que demonstram a influência que o padrão de vinculação poderá ter no percurso de desenvolvimento, especificamente no que se refere à passagem para o mundo adulto. Alguns estudos referem-se ao amor romântico como um processo de vinculação, testando a influência das relações estabelecidas com os pais na infância e juventude nas relações estabelecidas na idade adulta e procuram compreender o papel da vinculação na dinâmica da relação íntima (e.g., Feeney, 1998; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Hazan & Shaver, 1990; Lima, 2009; Lima, Vieira, & Soares, 2006).

Outros autores utilizaram também a teoria da vinculação como quadro conceptual na investigação sobre questões mais particulares da idade adulta, tais como a violência conjugal (e.g., Holtzworth-Munroe et al., 1997); os maus-tratos infantis, a orientação sexual, etc. (Kurdek, 2002).

Investigações sobre a relação terapêutica e vinculação sublinham que os sujeitos em psicoterapia tendem a perceber a aliança terapêutica através das representações que têm de si e dos outros, no contexto de outras relações e, em particular, as relações precoces (Dozier, 1990; Mallinckrodt, Cocle, & Gantt, 1995; Ribeiro, 2009).

Ainda outros estudos referem a relação entre os padrões de vinculação e diversos quadros clínicos psicopatológicos o que será mais à frente abordado com detalhe (e.g., Anjos, 2010; Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan & Shaver, 1995; Canavarro, 1999; Dias, 2007; Kenny & Hart, 1992; Mallinckrodt, McCreary & Robertson, 1995; Moreira, 2004; O'Koon, 1997; Pinho, 2000, Reindl & Lindsey, 2007; Soares, 2002; Suldo, & Sandberg, 2000; Ward, Ramsay & Treasure, 2000; Vilarinho, 2003).

Algumas destes estudos, deram ênfase à qualidade das relações amorosas já que estas podem ser consideradas como necessidades de vinculação, de prestação de cuidados ou de relacionamento sexual, visto que durante a idade adulta estes três sistemas atuam integradamente (Hazan & Shaver, 1994).

## **2.1 Modelos Internos Dinâmicos – MID**

São as relações de vinculação e o contexto vivencial do sujeito que, ao longo da sua vida, irão promover o desenvolvimento de sentido de valor e competência pessoal que lhe darão os recursos pessoais e relacionais necessários para percorrer o desenvolvimento de forma adaptativa. Nesta linha, existe então o conceito relevante para a compreensão dos sistemas de vinculação e exploração do sujeito – os modelos internos dinâmicos (MID) (Canavarro et al., 2006).

Os modelos têm um papel preponderante a nível desenvolvimental do sujeito, revelam o impacto que a relação de vinculação precoce e expectativas geradas por esta interação, (experiências sucessivas de cuidados prestados pela figura de vinculação, caracterizadas pela sensibilidade e responsividade desta figura às necessidades da criança) exercendo influencia para a compreensão do *self*, do mundo, do seu próprio valor no valor, do planeamento da ação e o comportamento no contexto das relações com os outros organizados numa estrutura representacional bem organizada (Bowlby, 1980; Bretherton, 1985).

Assim, a partir da construção do autoconceito, dá-se um ajustamento entre o que está internalizado e o comportamento, deste modo o adulto age de acordo o seu modelo de

funcionamento interno de vinculação podendo contudo, ser mais ou menos fiel ao mesmo dado o MID integrar estabilidade, mas também transformação com a integração de novas relações de vinculação (George & Solomon, 1996).

Segundo Bowlby (1980) estes modelos são formados através das experiências sucessivas de cuidados prestados pela figura de vinculação. Inicialmente, a criança constrói um modelo da vinculação que determina as expectativas relativamente à segurança da relação e à disponibilidade responsiva da prestadora de cuidados, mas à medida que as suas competências cognitivas evoluem, as expectativas transformar-se em representações mais alargadas que comportam não só a acessibilidade e responsividade da figura de vinculação, mas também, uma imagem do *self* merecedora dos referidos cuidados (Bowlby, 1969/1982).

Os MID embora construídos precocemente, integram estabilidade e manutenção ou podem modificar-se e transformar-se com a integração de novas relações de vinculação, de modo a se atualizarem e adaptarem a novas exigências internas ou externas ao sujeito (Sroufe, 1988; Thompson, 1999).

Assim, estes modelos, desenvolvem-se em termos de acessibilidade, responsividade e *self* em termos de valor pessoal e competência, espelhando os aspetos cognitivos e emocionais subjacentes ao comportamento de vinculação ao longo da vida.

### **3. Avaliação da Vinculação na Idade Adulta**

Existem vários instrumentos de medida que avaliam a vinculação no adulto. Estes instrumentos de avaliação têm, muitas vezes, subjacentes conceções distintas da vinculação, avaliam diferentes domínios e recorrem a diferentes abordagens (Soares, 2002).

A avaliação sobre a vinculação do adulto tem-se centrado em três grandes dimensões temáticas: as relações com os pais durante a infância; as relações com figuras de vinculação específicas na juventude e idade adulta, nomeadamente os pais e os pares; e a vinculação ao companheiro.

Segundo Canavarro e cols. (2006) os investigadores devem estar atentos à necessidade de tomar opções sobre estes aspetos quando constroem ou utilizam medidas de avaliação à vinculação do adulto. Os autores referem também que em relação aos domínios temáticos que os vários instrumentos procuram avaliar, podem ser identificados diversos tipos,

sobrepostos às três dimensões, relações com os pais durante a infância, relações com figuras de vinculação específicas (pais e os pares) e a vinculação ao companheiro (Canavarro et al., 2006).

Assim, por um lado, temos medidas com o objetivo subjacente de avaliar as recordações dos adultos no que se refere às suas experiências, durante a infância e juventude, no que se refere à sua história de vinculação (e.g., Adult Attachment Interview, AAI, George, Kaplan & Main, 1985; Attachment History Questionnaire, AHQ, Pottharst & Kessler, 1990; Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour, EMBU, Perris, von Knorring & Perris, 1980; Parental Bonding Instrument, PBI, Parker, Tupling & Brown, 1979).

Por outro lado, um outro conjunto de instrumentos pretendem refletir a qualidade da relação com figuras de vinculação específicas, pais ou pares tais como, as relações com os pais no Parental Bonding Instrument – PBI (Parker, Tupling, & Brown, 1979), as relações com os pais e com os pares no Mother-Father-Peer Scale (Epstein, 1983).

E ainda outro grupo de instrumentos, visam avaliar a vinculação ao companheiro (e.g., Adult Attachment Questionnaire, AAQ, Simpson, Rholes, & Nelligan, 1992; Adult Attachment Scale, Collins & Read, 1990; Attachment Style Questionnaire, Hazan & Shaver, 1990; Current Relationship Interview, CRI, Crowell & Owens 1996; Experiences in Close Relationships Revisited, ECR-R., Brennan, Clark, & Shaver, 1998, 2000; Relationship Questionnaire, RQ, Bartholomew & Horowitz, 1991; Relationship Style Questionnaire, RSQ, Griffin & Bartholomew, 1994; Simpson, Rholes, & Philips, 1996).

Main e cols., (1985) centrou-se nas dimensões representacionais das relações de vinculação com os pais durante a infância, avaliadas através da Adult Attachment Interview (AAI, George, Kaplan, & Main, 1985) objeto de estudo do presente trabalho.

Por outro lado Hazan e Shaver (1987), ao explorar o amor romântico como forma de vinculação, utilizaram um instrumento de autorresposta, baseado nos padrões de vinculação identificados por Ainsworth para a infância.

Vários autores têm comparado medidas de vinculação em adultos baseadas em entrevistas e em autorrelatos e concluem que as medidas não são equivalentes, e que os instrumentos de autorrelatos podem não ser tão válidos e fiéis como as entrevistas (Crowell & Treboux, 1995).

Todavia, existem autores que defendem razões para se usar instrumentos de autorrelato na avaliação da vinculação durante a idade adulta, nomeadamente o facto de a vinculação ser preponderante na vida emocional do sujeito, o facto de os adultos serem capazes de descrever como se sentem e comportam nessas relações, e ainda o facto dos processos conscientes e inconscientes concorrerem para o mesmo objetivo (Crowell, Fraley, & Shaver, 1999).

#### 4. Adult Attachment Interview – AAI

A passagem para a dimensão representacional, no sentido de operacionalizar o conceito de MID tal como Bowlby (1969/1982) o propõe, foi possível devido ao desenvolvimento da AAI por George, Kaplan, e Main (1984, 1985, 1996), a qual permitiu examinar durante a idade adulta, diferenças individuais de representação das relações de vinculação com as figuras de vinculação (Dias, 2007). Assim, A AAI à semelhança do que a *Situação Estranha* faz com as crianças, ativa o sistema de vinculação do adulto, com o objetivo de avaliar, a segurança geral do seu modelo interno de vinculação ou a segurança do *self* relativamente às figuras de vinculação, ao *self* na relação com as figuras de vinculação, bem como a capacidade individual de organizar e integrar experiências de vinculação num todo coerente que se assume como uma visão do *self*, dos outros e das relações (Main et al., 1985).

A AAI consiste numa entrevista estruturada, semiclínica constituída por vinte questões dirigidas a apurar o estado mental atual da organização mental do sujeito em relação à vinculação acedendo às suas memórias acerca das experiências precoces de vinculação (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). A AAI torna assim possível, a recolha de informação sobre a forma como as memórias precoces influenciam as perceções atuais do *self* e as relações com os outros, ou nas palavras de Main e cols. (1985, p. 68) “*current state of mental organization*”.

O processo de análise da AAI enfatiza a qualidade da organização discursiva e a articulação coerente entre os episódios específicos descritos (nível episódico) e a dinâmica representacional (nível semântico). Sendo que a análise resulta da concetualização de Main e cols. (1985) relativamente à natureza e função dos MID, que ao proporcionarem regras e sistemas de regras que orientam os comportamentos e sentimentos no âmbito da vinculação e também a atenção, memória e cognição, vão potenciar ou limitar o acesso ao conhecimento acerca do *self*, das figuras de vinculação, da relação de vinculação e à forma

como esta informação está organizado internamente, refletindo-se na qualidade discursiva sobre a vinculação nomeadamente, em termos de coerência e segurança.

Assim, a segurança discursiva é inferida a partir do acesso à informação relevante sobre os tópicos da entrevista e da capacidade do sujeito em integrar coerentemente aspetos positivos e negativos das suas experiências. Já a insegurança traduz-se pela ausência de coerência e capacidade de integração (Soares, 2002). Neste sentido, a qualidade discursiva pode ser compreendida como uma estratégia geral do sujeito para lidar e processar pensamentos, sentimentos e comportamentos relacionados com a vinculação (Bretherton, 1999).

Main e Goldwyn (1984, 1998) desenvolveram um método de análise e cotação da entrevista o qual permite classificar as narrativas dos sujeitos a dois níveis, conteúdo e significado, a partir da transcrição da *AAI*: o primeiro nível de avaliação é composto por 5 escalas centradas na experiência provável com a figura de vinculação (afeto, rejeição, incentivo à realização, negligência e inversão de papel). O segundo, é constituído por 5 escalas que se focam na representação da atual vinculação (coerência, idealização, insistência na incapacidade de se recordar da infância, irritação com os pais, passividade, metacognição e luto não resolvido).

Main e Goldwin (1998) na mais recente revisão do sistema de classificação da *AAI*, acrescentaram 7 escalas ao segundo nível de avaliação - representação da atual vinculação – associando-as às três principais categorias de classificação (Seguro, Desligado e Preocupado). Estando associadas à categoria de Seguro, as escalas de coerência e a de monitorização metacognitiva. Associadas à categoria Desligado estão as escalas de idealização, insistência na incapacidade de se recordar da infância e menosprezo ativo das experiências e/ou das relações de vinculação. Já à categoria Preocupado encontram-se associadas as escalas de irritação com os pais e passividade no discurso. Segundo Hesse (1999), esta associação entre as escalas contínuas de avaliação e as categorias de classificação, tornou possível investigar as relações entre escalas e categorias em novas amostras e a abordagem das categorias a partir de uma perspetiva contínua, para além da perspetiva categorial já disponível.

Por outro lado, este desenvolvimento do sistema de classificação de Main e Goldwin (1998) incluiu as propriedades discursivas na análise da *AAI*, utilizando as máximas propostas por Grice (1975, 1989 cit. Hesse, 1999): qualidade (é credível sem contradições ou conclusões ilógicas), quantidade (sucinto, mas completo), relevância (ser relevante para o tópico em

questão) e forma (claro e ordenado), tendo sido possível clarificar e alargar a importância da coerência na análise do discurso dos sujeitos, podendo-se distinguir as três categorias de classificação em termos deste conceito.

O sistema de cotação da *AAI* apresentado, permite a classificação dos sujeitos em três categorias “organizadas” de representação da vinculação paralelas às categorias comportamentais de classificação da *Situação Estranha* identificadas por Main e Goldwyn (1984, 1989) referidas anteriormente: a (categoria F) Seguro/Autónomo em relação à vinculação, a (categoria D) Inseguro/Desligado correspondente à classificação Ansioso/Evitante na situação estranha e a (categoria E) Inseguro/Preocupado corresponde à classificação Ansioso Resistente/Ambivalente.

Para além destas três categorias os sujeitos podem ser classificados com uma organização denominada estatuto não-resolvido/desorganizado (U/d) em relação a experiências traumáticas, relacionadas com perdas ou experiências de abuso. Este estatuto pode ser atribuído conjuntamente com qualquer um dos três padrões, quando, durante a *AAI*, os sujeitos manifestam lapsos na monitorização do raciocínio ou do discurso, bem como um pensamento desorganizado e desorientado na análise de experiências perturbadoras de perda ou abuso (Main & Hesse, 1990). Esta categoria é correspondente à classificação Desorganizado/Desorientado na *Situação Estranha* (Main & Solomon, 1990).

Uma outra categoria adicional integra os casos que não se podem classificar de acordo com o sistema de cotação de Main e Goldwyn (1984, 1988), são designados por CC (“cannot classify”). Esta classificação é atribuída quando a entrevista manifesta uma combinação de padrões linguísticos contraditórios e incompatíveis.

Tem sido verificado que o padrão Seguro/Autónomo na *AAI* se associa com relações mais saudáveis com outros adultos. A investigação tem ainda mostrado relações significativas entre a classificação dos adultos na *AAI* e a classificação das crianças de que tomam conta na *Situação Estranha*, bem como os seus antecedentes, designadamente a sensibilidade aos sinais da criança. Isabel Soares e a sua equipa têm trabalhado na aplicação da *AAI* a diversos grupos da nossa população (e.g., Machado, Soares & Silva, 1996; Soares, 1996, 2007).

## **Capítulo II: Vinculação e Perturbações do Comportamento Alimentar**

### **1. Vinculação e Psicopatologia**

Desde o início da Teoria da Vinculação, Bowlby (1994) debruçou-se sobre o processo de desenvolvimento de psicopatologia, evidenciando o impacto negativo da privação precoce de cuidados maternos (Bowlby, 1969, 1973, 1980). Por outras palavras, os contributos da teoria da vinculação ultrapassam o domínio normativo, salientando a importância do conhecimento dos processos de desenvolvimento de psicopatologia, especialmente no que se refere à influência a nível desenvolvimental de uma vinculação emaranhada durante a infância (Soares & Dias, 2007).

A noção de trajetórias desenvolvimentais ilustra de uma forma clara a associação da qualidade do processo de construção das diferentes relações de vinculação e o desenvolvimento de psicopatologia. Nesta perspetiva, a psicopatologia caracteriza-se por um desvio do desenvolvimento, consequente a sucessivas (des) adaptações. Assim, com um padrão de vinculação inseguro a criança pode iniciar um processo de desvio do normativo, contudo, a psicopatologia apenas se torna previsível se as adaptações posteriores continuarem a revelar-se desajustadas. Nesta perspetiva, a possibilidade de mudança é contínua, caso a qualidade das experiências desenvolvimentais promovam o ajustamento (Srouf, Crison, Levy, & Egeland, 1999).

Outro conceito relevante para a compreensão desta relação (vinculação e psicopatologia) refere-se ao papel exercido pelos MID já que, como referido anteriormente, estes modelos constituem-se como guias para interpretar as experiências e orientar comportamentos de vinculação (Bowlby, 1973). Existem diversas histórias de vinculação de organização dos MID: os sujeitos com uma história de vinculação segura, os quais construíram representações positivas do *self* e dos outros, são percecionados como confiantes; já os sujeitos com histórias de vida adversas, marcadas por uma vinculação insegura, constroem o *self* e o mundo como imprevisíveis, marcados por desconfiança, por falta de valor, por carência de valores e por ambivalência (Soares & Dias, 2007).

O conceito de estratégias comportamentais condicionais (Main, 1990) contribui também para a compreensão de psicopatologia e vinculação. Bowlby defende que, tendo por base a adaptação às modalidades de responsividade das figuras de vinculação, a criança



desenvolve estratégias que se destinam a promover o acesso a estas figuras (Bowlby, 1973, 1980). Estas estratégias facilitam a adaptação do sujeito ao meio circundante, podendo ser distinguidas estratégias primárias, que se integram no sistema comportamental principal e que são sensíveis ao contexto e às condições de ativação do mesmo, como no caso da procura de proximidade da figura de vinculação em situação de alarme, e estratégias secundárias, que envolvem padrões comportamentais cujo objetivo é minimizar ou manipular as respostas não adaptativas do sistema comportamental principal, substituindo-as por outras estratégias, como o evitamento através da minimização da atenção e da ativação do sistema de vinculação, em caso de antecipação de rejeição por parte da figura de vinculação, permitindo, contudo, manter a proximidade suficiente e necessária para assegurar a proteção (Soares & Dias, 2007). Nesta linha, Main, (1995) considera que o evitamento e a resistência/ambivalência nas relações de vinculação constituem estratégias secundárias para enfrentar situações de *stress*, moderadamente ameaçadoras, na companhia de uma figura de vinculação que foi anteriormente rejeitante.

A desorganização da vinculação representa outro importante conceito, uma vez que como já referido, traduz o colapso das estratégias organizadas, de tipo seguro ou de tipo inseguro. Ao nível comportamental, a desorganização da vinculação pode manifestar-se, em situações de *stress*, levando a momentos de desorganização comportamental, produzindo comportamentos em conflito (Main & Solomon, 1990).

A relação entre o tipo de organização da vinculação e o desenvolvimento de psicopatologia em adultos tem sido estudada em amostras clínicas, de risco e não-clínicas, recorrendo a diferentes métodos de avaliação, desde instrumentos de autorrelato, que avaliam os padrões de vinculação com base na perceção que os sujeitos têm acerca das relações de vinculação precoces e no presente, até a entrevistas que avaliam a organização da vinculação, como a AAI (Soares & Dias, 2007).

### **1.1 Vinculação e Perturbações do Comportamento Alimentar**

A investigação sobre perturbações do comportamento alimentar, embora conceba a existência de um modelo multidimensional, tem revelado a ausência de um quadro desenvolvimental que integre os resultados de estudos que incluem diferentes variáveis: biológicas, psicológicas, sociais, culturais, e permita compreender como aparecem estas perturbações nestes diferentes domínios e, ainda, quais as associações complexas que se

estabelecem entre eles. As perturbações alimentares têm sido descritas como perturbações da juventude, mas poucos estudos têm abordado estas perturbações em função das tarefas deste período desenvolvimental (Attie & Brooks-Gunn, 1995).

Com o alargamento das investigações e maior compreensão no domínio da vinculação durante a idade adulta, a preocupação pelo impacto de processos que se relacionam com o desenvolvimento de psicopatologia ganhou também uma atenção particular da comunidade científica (Montero & León, 2005). Sendo que um dos grupos clínicos onde os processos relacionados com a vinculação são particularmente relevantes é o das perturbações do comportamento alimentar (e.g., Dias, 2007; Pinho, 1999; Pinho, 2000; Vilarinho, 2003).

Diversos autores têm vindo a examinar as PCA do ponto de vista familiar, destacando-se fundamentalmente Bruch (1973,1974), na linha da teoria das relações objetais e Palazzoli (1974) e Minuchin e colaboradores (1978), de orientação sistémica.

Para Bruch (1973, citado por Dias, 2007), o que caracteriza a relação mãe-filha com PCA na infância é a imposição, por parte da mãe, do seu conceito de necessidades infantis, impedindo a diferenciação dos impulsos e necessidades da criança, contribuindo isso para o desenvolvimento de um sentimento de ineficácia na filha e de uma incapacidade para progressivamente se separar da relação com a mãe.

Para Palazzoli (1974), na génese da AN está uma relação patológica entre a criança e uma mãe não responsiva, intrusiva e emocionalmente exigente. Esta relação tem como consequência a internalização, por parte da criança, de que a principal função dos cuidados maternos é o controlo. Esta autora apresenta ainda um conjunto de proposições de cariz sistémico mais centradas no funcionamento familiar das pacientes com AN, propondo um modelo do processo anorético na família. Este modelo enfatiza os problemas de comunicação e de evitamento de responsabilidades e os elevados níveis de discordância conjugal que apontam para o facto dos elementos da família rejeitarem as mensagens enviadas pelos outros membros, não permitindo clarificar as diferenças e resolver os conflitos.

Minuchin e cols. (1978), trazendo a discussão em torno do desenvolvimento da AN para o contexto de uma análise de causalidade circular, característica da perspetiva sistémica, propõem que os sintomas desta perturbação têm um carácter psicossomático e que emergem no seio de um tipo de funcionamento familiar específico. Para estes autores, a “família anorética” é caracterizada pela aglutinação, sobreproteção, evitamento de conflito e pela co-indução da filha anorética para alianças destrutivas com um dos pais. Os sintomas

têm uma função de manutenção da homeostase dentro destas famílias, concentrando-se a atenção familiar na paciente, o que conduz à maximização da sintomatologia e ao desenvolvimento de sentimentos de fraqueza e de incompetência o que, por sua vez, faz aumentar as suas exigências e o controlo e proteção por parte dos familiares.

Outros estudos descrevem as famílias das bulímicas como “caóticas”, evidenciando um forte nível de conflito, baixa coesão e falta de cuidados parentais (Schmidt, Humfress & Treasure, 1997).

Pinho (2000), realizou o primeiro estudo em Portugal, tendo por base a teoria da vinculação e a avaliação da vinculação através da *AAI*, num grupo de 43 pacientes diagnosticadas com PCA. Deu particular atenção à relação entre nível geral de psicopatologia, sintomas das PCA, variáveis sociodemográficas, familiares, e representações da vinculação. Estas variáveis foram analisadas por intermédio do Attachment Q-Sort de Kobak (1993) que permitiu a classificação das participantes nos 3 padrões de vinculação (seguro, desligado e preocupado) e nas duas estratégias de vinculação (segurança versus insegurança e desativação versus hiperativação), bem como a avaliação das mesmas em termos de mega-ítems da vinculação (Kobak, 1998; Pinho, 2000). Os resultados deste estudo apontaram para relações positivas entre sintomas alimentares e a representação de disrupção familiar ao nível do conflito dos papéis conjugal e parental e, ainda, com uma representação da família como emaranhada e com a representação da mãe como dura e exigente (Soares, Pinho, Martins & Machado, 2000).

Por outro lado, Vilarinho (2003), com base na amostra do anterior estudo, procurou avaliar as configurações emocionais das organizações da vinculação na *AAI*. Os resultados evidenciaram que as pacientes com organização preocupada são as que relatam mais episódios emocionais e mais episódios de raiva, medo e tristeza, as pacientes com uma organização desligada são as que evidenciaram mais episódios emocionais com emoções positivas e menos com emoções negativas. Os resultados indicaram ainda, que ambos os grupos inseguros apresentaram maior tendência para a ação do tipo “mover-se contra” e “rejeitar”. Em contraste, as pacientes com organização segura revelavam mais episódios emocionais específicos, mais episódios balanceados em termos de referência ao *self* e aos outros e, também, mais balanceados em termos de emoções positivas e negativas e, ainda, mais tendências para a ação do tipo “aproximar-se” (Vilarinho, 2003; Vilarinho et al., 2003).

Ainda outro estudo de Dias (2007), centrou-se na explicação empírica e de natureza clínica das relações entre vinculação e regulação autonómica em 47 mulheres com PCA. As

participantes foram monitorizadas ao nível da atividade cardíaca e eletrodérmica durante a AAI e responderam a diversos instrumentos de autorrelato sobre sintomatologia geral e específica das PCA e sobre marcadores desenvolvimentais para a psicopatologia. Os resultados relativamente à organização da vinculação, indicaram a maioria das mulheres como inseguras por outro lado, em relação às estratégias de vinculação, os resultados foram predominantes de estratégias de hiperativação. Dos resultados relativos à psicopatologia e aos marcadores desenvolvimentais, salientou-se a presença de níveis inferiores de manifestação de sintomatologia das PCA nas participantes classificadas como desligadas; correlações significativas entre estratégias de hiperativação e sintomas de psicopatologia geral e alimentar; correlações negativas entre mega-itens associados à segurança da vinculação e um conjunto de marcadores para a psicopatologia; bem como correlações positivas entre mega-itens associados à insegurança da vinculação e diversos marcadores desenvolvimentais. No que se refere à atividade fisiológica relacionada com a regulação autonómica, os resultados mostraram uma relação entre a organização da vinculação e as duas medidas usadas – condutância da pele e rácio LF/HF, um indicador do balanço simpático-vagal (Dias, 2007).

Em suma, a literatura aponta como relevância para uma compreensão integrada das PCA, as variáveis de natureza familiar e interpessoal. Contudo, em geral, os estudos permanecem ainda numa abordagem descritiva, tornando-se assim importante desenvolver análises mais compreensivas sobre os mecanismos e os processos envolvidos nas relações entre vinculação e psicopatologia, permitindo uma maior compreensão destas perturbações e do processo psicoterapêutico numa perspetiva multifatorial (Soares & Dias, 2007).

Seguidamente, perspetivando este olhar integrador das PCA à luz da teoria da vinculação, procurou-se apresentar os contributos da investigação empírica que abordam a relação entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração.

### **Capítulo III: Relação entre Sistema de Exploração e Sistema de Vinculação**

#### **1. Sistema de Exploração e Sistema de Vinculação**

O estudo dos sistemas comportamentais da vinculação tenta descrever os mecanismos que organizam o comportamento e que contribuem para a estabilidade e flexibilidade do

comportamento social. É um esforço para especificar um aspeto da contribuição do sujeito para fenómenos interativos que são diádicos. A partir de uma perspetiva de sistemas comportamentais, cada sujeito traz uma base estrutural interna para a coordenação e regulação das respostas comportamentais e afetivas para qualquer situação relacional (Green & Campbell, 2000).

Os processos de vinculação criança-adulto consistem num equilíbrio entre vinculação e comportamento exploratório, que tem como resultado previsível a manutenção do acesso ou grau de proximidade face à figura de vinculação. Isto é particularmente visível até ao final do primeiro ano de vida. O sistema de vinculação organiza este comportamento e regula o comportamento exploratório do bebé, indicado pelo seu comportamento de procura de autonomia e manutenção da vinculação de procura de segurança interna na proximidade com a figura de vinculação. Este equilíbrio pode ser influenciado por diferentes fatores: a criança parece desejar maior proximidade ou contato quando está doente, cansada ou assustada; certas situações tornam-se estímulos predisponentes à proximidade e vinculação (eg., a escuridão, ambientes estranhos, a ausência da mãe), e outras em que parece explorar ativamente afastada dos adultos, em coordenação com a proximidade (Green & Campbell, 2000).

O equilíbrio entre vinculação-exploração é tão característico da relação adulto-criança que Ainsworth (1973; Ainsworth et al., 1978; Stayton et al., 1973) sugeriram que a evidência clara deste tipo de organização no comportamento do bebé, em uma variedade de situações é o melhor critério para a existência de vinculação com um adulto na infância. A *Situação Estranha* facilita a observação de uma variedade de comportamentos que demonstram o equilíbrio entre vinculação-exploração em contexto naturalista, e permite avaliar as diferenças individuais no funcionamento adaptativo do sistema de vinculação e do sistema de exploração.

De acordo com Cassidy (1999) o sistema comportamental de vinculação só pode ser devidamente explicativo através da sua complexa interação com outros sistemas comportamentais de base biológica. A compreensão da vinculação requer assim a análise do sistema comportamental relacionado com a ativação do sistema de vinculação (Bowlby, 1969/1982).

Faz parte da natureza humana o impulso para explorar a realidade circundante, contudo esta atividade exploratória expõe-nos a riscos, sendo que quando o perigo é percecionado, o sistema de vinculação é ativado atraindo a criança para a sua figura de vinculação, na

procura de segurança e proteção (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Elliot & Reis, 2003; Soares, 1996;).

Assim, ao longo do desenvolvimento, vai sendo atingido um equilíbrio complementar entre vinculação e exploração, o que permite a criação de uma base segura que promove a exploração da realidade e do meio (Ainsworth & Bowlby, 1991; Soares, 1996). Esta complementaridade entre sistemas é facilmente observada numa das características intrínsecas à relação de vinculação: a utilização da figura de vinculação como base segura, a qual proporciona a exploração da realidade e do meio circundante, ou seja, os fenómenos de base segura e refúgio (permite o sentimento de proteção e segurança quando se é exposto a situações percecionadas como ameaçadoras e/ou perigosas) (Ainsworth & Bell, 1970; Ainsworth et al., 1978).

Neste sentido, o sujeito tem de se sentir seguro para que o seu sistema de vinculação seja desativado e o seu sistema de exploração ativado. Se a ativação do sistema de vinculação aumenta, diminui a ativação do sistema de exploração e vice-versa (Ainsworth & Bell, 1970). Deste modo, a exploração do meio tende a ocorrer sempre que a acessibilidade à figura de vinculação é percecionada como assegurada, o sistema de prestação de cuidados se encontra medianamente ativado, o sistema de vinculação desativado e o sistema de exploração ativado (Jongenelen 2004). Entendemos pois, o sistema de vinculação como possibilitador da manutenção da proximidade e obtenção de segurança que permite a exploração.

Ainsworth e cols. (1978) como referido anteriormente, identificaram três padrões de vinculação na criança, que se relacionam com o comportamento de exploração - seguro, ansioso/ambivalente e inseguro/evitante - através das reações comportamentais associadas à sua figura de vinculação na vida diária, particularmente à sua acessibilidade e responsividade aos sinais e solicitações de conforto e proteção.

As crianças com um padrão de vinculação seguro, tendem a explorar livremente o meio, uma vez que esperam que a sua figura de vinculação esteja presente e disponível para responder às suas necessidades quando necessário, e por esta razão, o cuidador é percecionado e sentido como base segura (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Elliot & Reis, 2003).

Deste modo, ambos os padrões de vinculação Ansioso/Ambivalente e Inseguro/Evitante tendem a apresentar dificuldades na exploração, na medida em que não existe uma base segura. Assim, as crianças com um padrão Ansioso/Ambivalente tendem a explorar de

forma ansiosa e desorganizada, uma vez que se preocupam com a incerteza da disponibilidade do cuidador (Elliot & Reis, 2003). Já com um padrão de vinculação Inseguro/Evitante, a criança tende a explorar de uma forma rígida e desprovida de genuíno interesse pelo ambiente, devido ao facto de se tentar defender da sua percepção de indisponibilidade do cuidador enquanto base segura (Elliot & Reis, 2003).

Em geral, as três classificações referidas, ainda que pressupondo qualidades de organização mental distintas face à vinculação, são consideradas como descrevendo classificações organizadas.

O conceito de exploração segura (secure exploration) é compreendido por Grossmann, Grossmann, e Zimmermann (1999), para uma explicação do papel que a vinculação tem na qualidade do desenvolvimento do sujeito, como o padrão de exploração em que os desafios são valorizados, avaliados adequadamente, bem como realisticamente abordados.

Um estudo de Green e Campbell (2000) pretendeu avaliar a relação entre o sistema de exploração e vinculação do adulto através de uma escala/índice de exploração, a qual avalia a motivação para explorar os ambientes físico, social, intelectual. Concluíram que padrões de vinculação evitante, revelam insegurança e uma correlação negativa com o desejo de explorar. Por outro lado verificaram que os participantes da amostra com uma classificação de vinculação segura estavam mais abertos à exploração do que os participantes com padrões de vinculação inseguros. Os resultados do estudo demonstraram que os sujeitos com padrão de vinculação seguro produzem um maior número de comportamentos de exploração, e que os sistemas de comportamento de vinculação e exploração estão correlacionados na população adulta.

Nesta linha, existem outros estudos que relacionam a performance escolar/profissional com a vinculação e o sistema de exploração. Por exemplo, ao nível dos estudantes do ensino superior, a qualidade da vinculação tem sido concebida como proporcionadora da segurança necessária para que o jovem explore autónoma e eficazmente as oportunidades e experiências proporcionadas por esta fase desenvolvimental e tudo o que a mesma implica para o seu futuro profissional (Braungart Rieker, 1999; Guerra & Kenny & Donaldson, 1991; Kenny & Rice, 1995;).

Noutro estudo conduzido por Bluestein, Prezioso, e Schultheiss (1995), verificou-se que a segurança da vinculação parece suportar a exploração do *self* em contextos educativos e vocacionais, que por sua vez, conduz à construção e implementação de um projeto de vida em termos profissionais. Esta relação, entre segurança da vinculação e mais e melhor

exploração do *self* e do mundo vocacional e profissional é sustentado por ainda outros estudos no domínio (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Hazan & Shaver, 1990; Kenny & Donaldson, 1991; Ketterson & Blustein, 1997; Roisman, Bahadur, & Oster, 2000;).

Também no que se refere ao domínio profissional, a investigação tem reunido evidências acerca da relação entre qualidade da vinculação e exploração. Assim, Cassidy (1999) ao considerar as especificidades desenvolvimentais da idade adulta pressupõe que a exploração se encontra ao serviço da construção do conhecimento de si, dos outros e do mundo, e que desta forma, sustenta o desenvolvimento de competências fundamentais para o funcionamento nesta fase de transição para a idade adulta. Por outro lado, Hazan e Shaver (1987) sugerem que o funcionamento do adulto no contexto profissional se constitui uma atividade exploratória, e deste modo, encontraram diferenças comportamentais de exploração, em função do padrão de vinculação dos sujeitos.

Globalmente, os sujeitos classificados como seguros de acordo com o padrão de vinculação, tendem a explorar de modo autónomo as oportunidades laborais, as quais se revelam fontes de gratificação; já os adultos classificados como evitantes, tendem a focar-se excessivamente na atividade profissional como estratégia de desativação do sistema de vinculação, valorizando a sua realização e competência nesse domínio; por outro lado, os sujeitos classificados como ambivalentes revelam excessiva preocupação para com a disponibilidade e aceitação dos outros, e assim demonstram preferência em trabalhar conjuntamente com outros, desta forma, ao serem guiados pela forte necessidade de aceitação, acabam por não conseguir retirar da atividade profissional a satisfação e aprendizagem possíveis (Fonseca, Soares, & Martins, 2006; Hazan & Shaver, 1990).

Ainda na tentativa de conhecer os meios através dos quais a vinculação exerce influência, no desenvolvimento do adulto, surgiram propostas alternativas na literatura. Nomeadamente, com o trabalho realizado por Roisman (2006), o qual propõe, a segurança da vinculação implicada no funcionamento individual, nomeadamente, nos relacionamentos íntimos. Assim, o autor refere, que através da *AAI*, se pode avaliar a capacidade que o sujeito revela de construir uma narrativa coerente e integradora acerca das experiências pessoais, as quais, indicam fortes implicações na capacidade de funcionamento individual no que nas relações interpessoais diz respeito. Deste modo, o autor defende que a coerência típica e característica do discurso sobre as experiências de vinculação durante a infância de um sujeito classificado com um padrão de vinculação seguro se constitua, geralmente, como um recurso interpessoal positivo em todas as interações do adulto (Roisman, 2006). Assim, ajuda a compreender de que forma a segurança da vinculação



pode contribuir para organizar o desenvolvimento das relações interpessoais adultas e eficácia nos contextos relacionais íntimos.

Desta forma, Roisman (2006) demonstrou no seu estudo, que os adultos classificados com um padrão de vinculação seguro, foram capazes de relatar uma narrativa coerente acerca das experiências de vinculação da infância, demonstrando maior habilidade de negociar de forma competente as suas interações interpessoais quando comparados com os sujeitos classificados com um padrão de vinculação inseguro. Assim os adultos seguros demonstraram envolvimento emocional mais positivo com estranhos, facilitando as relações íntimas. Já os sujeitos classificados com uma organização insegura revelaram narrativas incoerentes. Sendo que, os sujeitos classificados com um padrão de vinculação desligado revelaram uma tendência a monopolizar a tarefa sem conseguir obter um resultado satisfatória, por sua vez, os adultos classificados com um padrão de vinculação preocupado, apresentaram níveis elevados de afeto negativo, comportamentos de desinteresse pela tarefa e dificuldade acentuada de colaborar com o parceiro na sua resolução, bem como relacionamentos íntimos pouco satisfatórios comparativamente a adultos classificados como seguros.

Ainda outro estudo, desta vez conduzido por Lima (2009), procurou analisar as relações entre o MID geral de vinculação, o modelo interno específico de relação com o(a) companheiro(a) e o comportamento em contexto diádico numa amostra constituída por 40 casais avaliados pela *AAI*. Os resultados indicaram adequação da representação da relação íntima de acordo com a representação mental de vinculação específica da relação íntima, mostrando que a representação da vinculação está associada quer à qualidade da representação íntima, quer à qualidade da interação diádica, existindo contributos específicos de acordo com o padrão de vinculação e da organização da representação da relação íntima na qualidade da interação do casal. Existem ainda outros estudos, que demonstram a relação entre a segurança na *AAI* e a natureza e qualidade das relações íntimas (e.g., Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998; Kobak & Sceery, 1988; Zimmermann, 2004; Larose & Bernier, 2001; Zimmermann, Maier, Winter, & Grossmann, 2001).

Tendo em consideração a revisão da literatura realizada, que permitiu salientar a importância da vinculação (segura vs insegura) nas perturbações do comportamento alimentar, bem como a complementaridade entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração, pretendeu-se com este estudo - não conhecendo *à priori* a classificação de vinculação - identificar na *AAI* indicadores de história de desenvolvimento do sistema de exploração num grupo clínico de pacientes com PCA. Para além de procurar perceber de

que forma a exploração se encontra inserida nas respostas às questões da *AAI*, procurou-se também caracterizar a organização mental face à exploração e compreender estes indicadores com o sistema de vinculação de 21 mulheres com diagnóstico de PCA. Deste modo, esta investigação teve como finalidade contribuir para o conhecimento da organização mental da exploração durante a idade adulta, e consequentemente alcançar uma maior compreensão do fenómeno da vinculação.

A avaliação do sistema de exploração na *AAI* tornou-se então pertinente, uma vez que nesta entrevista encontra-se evidente a avaliação do sistema de vinculação através de recordações mas foi interessante avaliar também a organização de exploração, uma vez que a *AAI* não contém questões explicitamente dirigidas a este domínio do adulto. Por sua vez, o grau de capacidade em exploração, no sentido de encontrar soluções ajustadas de adaptação, consistindo num dos aspetos básicos e pilares da construção/manifestação da identidade do sujeito, bem como a utilização da figura de vinculação como base segura, que promove a exploração da realidade e do meio ao permitir um equilíbrio entre vinculação e exploração, poderá encontrar-se avaliado na *AAI*.

## **PARTE II**

# **ESTUDO EMPÍRICO**

## Capítulo IV: Metodologia

### 1. Objetivos específicos

Como objetivos específicos deste estudo procurou-se:

- 1) Caracterizar a representação do desenvolvimento do sistema de exploração num grupo de mulheres com diagnóstico de PCA;
- 2) Examinar de que forma os três padrões de vinculação avaliados pela AAI (seguro; desligado; preocupado) se refletem em diferentes representações da história de exploração neste grupo de participantes.

### 2. Participantes

O estudo foi realizado com 21 participantes de sexo feminino, com diagnóstico de PCA, sendo que a recolha das respetivas participantes foi realizada anteriormente a este estudo (Dias, 2007). No que respeita à idade das participantes, estão compreendidas entre os 16 e os 29 anos, com média de 21 e desvio-padrão de 2.95, sendo que a maioria das participantes, à data da avaliação, eram solteiras e estudantes (Dias, 2007).

Relativamente à caracterização clínica das participantes (Gráfico 1), em termos de diagnóstico segundo o DSM-IV (APA, 2002), 54% das pacientes possuíam o diagnóstico de Anorexia Nervosa, a maioria do tipo Restritivo (36% das participantes total) e cerca de 43% preenchiam os critérios de Bulimia Nervosa (Dias, 2007).

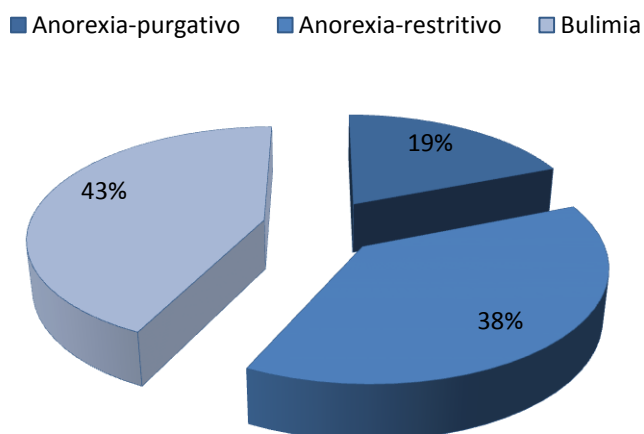


Gráfico 1 – Distribuição das participantes em função da caracterização clínica.

No que diz respeito à organização da vinculação, 7 participantes foram classificadas como seguras, 7 como desligadas e 7 como preocupadas<sup>1</sup>.

### 3. Instrumentos de recolha de dados

O presente estudo recorreu a *AAI*, - versão portuguesa desenvolvida por Soares e cols. (1996) da entrevista estruturada *AAI* de George, Kaplan e Main (1996) constituída por 20 questões – previamente aplicadas, analisadas e classificadas de acordo com o padrão de vinculação das participantes (Dias, 2007). A aplicação desta entrevista permitiu examinar o modo como as participantes organizavam a informação relevante da sua história de desenvolvimento, no que à vinculação diz respeito, através da ativação do respetivo sistema de vinculação. Para tal, o conteúdo de cada *AAI* foi gravado e transcrito, o que esteve na base da sua cotação (Dias, 2007).

A análise e classificação destas *AAI* (no âmbito do estudo de Dias, 2007) tiveram por base o método Attachment Q-Sort (Kobak, 1993), sistema baseado no original de classificação da *AAI* desenvolvido por Main e Goldwin (1984, 1998), o qual determinou, conceitualmente, a relação entre regulação emocional e organização da vinculação pela análise de estratégias emocionais minimizadoras *versus* maximizadoras das participantes (Faria et al., 2007).

Através deste método, cada entrevista foi cotada, individualmente, sendo este processo assegurado por dois juízes independentes a partir da transcrição do conteúdo, utilizando uma distribuição forçada de cem itens por nove categorias: num número pré-estabelecido de descritores por categoria, – cinco descritores para as categorias 1 (“carateriza muito mal esta entrevista”) e 9 (“carateriza muito bem esta entrevista”), oito para as categorias 2 e 8, doze para as categorias 3 e 7, dezasseis para as categorias 4 e 6 e dezoito para a categoria 5 (“não carateriza bem nem mal esta entrevista”) – sendo que o juiz procurou avaliar de que forma os descritores eram mais ou menos caraterísticos de cada entrevista (Dias, 2007).

Neste Q-Sort as participantes foram classificadas em padrões de vinculação seguro, desligado ou preocupado em função da sua utilização, de uma estratégia de segurança *versus* insegurança e de uma estratégia de desativação *versus* hiperativação (Dias, 2007).

Cada *AAI* foi assim avaliada por dois juízes e o acordo interjuízes foi avaliado utilizando o método de bipartição (fórmula de Spearman-Brown) - (0,77) (Dias, 2007).

---

<sup>1</sup> A seleção das participantes foi realizada pelo orientador do trabalho, sem dar conhecimento da classificação à investigadora.

#### 4. Procedimentos de tratamento de dados

O tratamento de dados foi realizado com base num procedimento de Análise de Conteúdo de natureza semi-indutiva (baseada na teoria e nas categorias emergentes da leitura flutuante das entrevistas), constituindo-se esta, na metodologia de referência por ser aquela que melhor se adequa aos objetivos formulados.

No primeiro momento, correspondente à *organização da análise*, fez-se uma leitura flutuante para estabelecer o primeiro contato com o material no sentido de definir quais as respostas às questões do protocolo da AAI seriam relevantes para a análise atendendo aos objetivos do estudo. De forma a evitar possíveis enviesamentos neste processo de análise procedeu-se a uma leitura cega das mesmas, isto é, desconhecendo à *priori*, as classificações de padrão de vinculação das participantes. Deste modo, privilegiaram-se as respostas às questões do protocolo da AAI que apelaram às representações de história de exploração das participantes, concretamente: questões 3 (adjetivos mãe), 4 (adjetivos pai) e 7 (separações). Esta opção deveu-se também ao facto de se ter verificado não ser frequente a inclusão de informação relativa à história de exploração noutras questões do guião.

Tomada a decisão sobre o recorte do material a considerar, deu-se início ao processo de codificação, assim cada unidade de registo foi associada a um código descritivo que progressivamente, configurou o primeiro esboço do sistema de categorias (Bardin, 2009). Na análise classificaram-se as respostas selecionadas do protocolo da AAI às propriedades pré-definidas o que permitiu que fossem associadas em unidades de registo.

Na segunda etapa – *codificação* – transformaram-se os relatos das experiências de comportamentos de exploração com o propósito de alcançar uma representação do conteúdo. Tal como é proposto por Bardin (2009) nesta fase foi necessária a escolha da *unidade de registo*, ou seja, da unidade de significação que visa a categorização, bem como da *unidade de contexto*, isto é, da unidade de compreensão que permite codificar a unidade de registo e o seu exato significado. Como unidade de registo foi utilizada a segmentação de “uma ideia completa”.

Na *categorização* reuniu-se o conjunto de elementos com características comuns, sob um título genérico de forma a criar, tal como é sugerido por Bardin (2009) uma representação simplificada dos dados em bruto. Assim na origem da seleção do material específico, estiveram a questão 3, 4 e 7 do protocolo da AAI, representações das dimensões definidas à *priori*.

Neste processo procurou-se, no que decorreu das respostas das participantes às questões selecionadas, um indicador da presença da condução de uma representação de exploração, sendo que foram definidas categorias e subcategorias de representação do sistema de exploração de um modo flexível que permitiu que estas emergissem dos dados no sentido de captar os significados dos discursos a partir da representação da diversidade do conteúdo, ou seja, das memórias em função da exploração.

Esta seleção do conteúdo foi num momento posterior partilhada e analisada por dois investigadores, de modo a validar-se a seleção de conteúdo realizada. Deste modo, as crenças e valores de um único investigador não influenciaram os resultados deste processo.

Finalmente, na etapa final da análise, considerou-se pertinente a contagem das frequências das unidades de significado mais expressivas no conjunto dos dados e a realização de procedimentos de interrogação que permitiram compreender a relação entre as diferentes categorias e o padrão de vinculação.

## **Capítulo V: Apresentação, análise e discussão dos resultados**

### **1. Apresentação dos resultados**

As categorias e subcategorias apresentadas seguidamente, ilustram os principais conteúdos de indicadores mentais representativos de comportamentos de exploração das participantes, emergidos da análise pormenorizada das respostas às questões da *AAI* em estudo.

Na Tabela 1 apresentamos os resultados decorrentes desta análise que seguidamente são apresentados.

#### **1.1. Sistema de categorias de exploração**

*Tabela 1*

*Sistema de categorias de exploração*

Categorias	Subcategorias
Em família -1-1-	Positivas (em família) -1-1-1-

---

		Negativas (em família) -1-1-2-
	Com os “outros” -1-2-	Positivas (com os outros) -1-2-1-
EXPERIÊNCIAS NOVAS - 1-		Negativas (com os outros) -1-2-2-
	Reação emocional -1-3-	(reação emocional) Positiva -1-3 -1-
		(reação emocional) Negativa -1-3-2-
COMO OS PAIS LIDARAM -2-	Promoção de exploração (pais) -2-1-	(pais promovem) Desadequadamente -2-2-1-
		(Pais) Limitam/condicionam -2-1-2-
	Reação emocional (pais) - 2-2-	Reação emocional positiva (pais) - 2-2-1-
		Reação emocional negativa (pais) -2-2-2-
		Reação emocional neutra (pais) -- 2-2-3

---

De forma a auxiliar a leitura compreensiva dos dados que emergiram das respostas às questões da *AAI*, representativos das memórias em função da exploração, foram identificadas três grandes categorias cuja definição é apresentada em seguida. No aprofundamento da descrição do Sistema de Categorias as subcategorias de segunda ordem encontram-se assinaladas a negrito e as subcategorias de terceira ordem, foram identificadas com sublinhado.



### 1.1.1 Categoria da exploração – EXPERIÊNCIAS NOVAS

A primeira categoria apresentada – EXPERIÊNCIAS NOVAS (-1-), refere-se a movimentos de autonomia, procura, aprendizagem e exploração do meio circundante, descritos pelas participantes nas entrevistas de acordo com as suas experiências de exploração vivenciadas – esta categoria apresenta três subcategorias, sendo a primeira **(-1-1-) Em família**, a segunda **(-1-2-) Com os “outros”** e a terceira relaciona-se com a **(-1-3-) Reação emocional**. A primeira subcategoria, reporta para recordações descritas pelas participantes em termos de comportamentos de exploração experienciados em contexto familiar ou com familiares, onde enfatizam frequentemente comportamentos de exploração percebidos como (-1-1-1-) positivos em família, bem como comportamentos de exploração (-1-1-2-) negativos em família. Como segunda subcategoria, **(-1-2-) Com os “outros”** reporta para memórias de comportamentos de autonomia, procura, aprendizagem e exploração do meio circundante, noutros contextos externos à família, percebidos como (-1-2-1-) positivos com os outros e/ou (-1-2-2-) negativos com os outros. Por último a terceira subcategoria de segunda ordem encontrada refere-se à **(-1-3-) Reação emocional** recordada pelas participantes reportando para (-1-3-1-) reação emocional positiva que codifica manifestações emocionais positivas de comportamentos de autonomia, procura, aprendizagem e exploração do meio circundante e/ou (-1-3-2-) reação emocional negativa perante indicações emocionais negativas de novas experiências de exploração, em ambos os contextos.

### 1.1.2. Categorias da exploração – COMO LIDAM OS PAIS

A segunda grande categoria assinalada – (-2-) COMO OS PAIS LIDARAM – refere-se à percepção manifestada pelas participantes relativamente à forma como a promoção de exploração foi realizada pelos pais das participantes, referindo a globalidade de conteúdo, descrito pelas participantes, face à forma como os pais se comportaram de acordo com a exploração (desta categoria surgiram tanto indicadores de promoção da exploração, como de condicionamento e limitação de comportamentos de exploração). Deste modo, esta grande categoria contempla duas subcategorias principais, sendo que a primeira reporta para descrições pelas participantes face ao comportamento dos pais ao permitirem comportamentos de autonomização **(-2-1-) Pais promovem exploração**. (-2-1-1-) Pais promovem desadequadamente considerou-se uma subcategoria de terceira ordem a realçar, devido às participantes indicarem frequentemente recordações de promoção de

comportamentos de exploração desadequada face à autonomização pelos pais. Inseriu-se uma outra subcategoria de terceira ordem, (-2-1-2-) pais limitam/condicionam, na medida em que grande parte das participantes do grupo, mencionou pais terem limitado comportamentos de exploração, ou seja, não tendo promovido experiências de autonomia. Foi também bastante mencionadas percepções de uma manifestação emocional dos pais para com comportamentos de exploração das participantes, constituindo-se na segunda subcategoria de segunda ordem (-2-2-) **reação emocional (pais)** reportando para memórias de (-2-2-1-) reação emocional positiva pelos pais face a comportamentos de exploração das participantes, bem como (-2-2-2-) reação emocional negativa face às experiências novas das participantes e ainda (-2-2-3-) reação emocional neutra relacionada à ambivalência e/ou ausência de resposta dos pais perante comportamentos de exploração das participantes.

Após a realização da análise de conteúdo, teve-se acesso à classificação do padrão de vinculação das participantes, assim, a partir deste momento serão tratam-se os dados, surgidos nas diversas categorias, em função dos padrões de vinculação das participantes.

Assim, como forma de examinar de que forma os três padrões de vinculação avaliados pela AAI (seguro; desligado; preocupado) se refletem em diferentes representações da história de exploração neste grupo de participantes, colocaram-se as seguintes questões: Será que as participantes seguras apresentam-se diferentes das preocupadas e das desligadas na exploração? Como?

## **2. Categorização da exploração em função do padrão de vinculação – Seguro, Preocupado e Desligado**

Os resultados que a agora se apresentam foram organizados em função do padrão de vinculação do grupo clínico – seguras, preocupadas e desligadas. De modo, a perceber-se quais as subcategorias mais prevalentes que aparecem em cada um destes padrões de vinculação.

### **2.1. Categorização da exploração no padrão de vinculação Seguro**

*Tabela 2*

*Categorias da exploração emergentes no padrão de vinculação seguro*

Categorias	Subcategorias
------------	---------------

---

EXPERIÊNCIAS NOVAS - 1- <b>(36 respostas)</b>	Em família -1-1- (17 respostas)	Positivas (em família) -1-1-1- (19 respostas)
		Negativas (em família) -1-1-2- (1 respostas)
	Com os "outros" -1-2- (19 respostas)	Positivas (com os outros) -1-2-1- (4 respostas)
		Negativas (com os outros) -1-2-2- <b>(0 respostas)</b>
COMO OS PAIS LIDARAM -2-	Reação emocional -1-3-	(reação emocional) Positiva -1-3 -1- (1 respostas)
		(reação emocional) Negativa -1-3-2- (3 respostas)
	Promoção de exploração (pais) -2-1- <b>(18 respostas)</b>	(pais promovem) Desadequadamente -2-2-1- (6 respostas)
		(Pais) Limitam/condicionam -2-1-2- (4 respostas)
	Reação emocional (pais) - 2-2-	Reação emocional positiva (pais) - 2-2-1- (4 respostas)
		Reação emocional negativa (pais) -2-2-2- (2 respostas)
		Reação emocional neutra (pais) -- 2-2-3 (1 resposta)

---

### 2.1.1. Indicadores da Exploração no padrão de vinculação Seguro (n=7)

Na categoria – EXPERIÊNCIAS NOVAS – as participantes com padrão de vinculação seguro indicaram (36) unidades de texto codificadas nesta categoria, estando estas, organizadas nas subcategorias de segunda ordem **em família** (17) “*o meu avô levava-me imenso a passear para a praia...*” (AAI - A), onde as (n=7) participantes enfatizaram com frequência comportamentos de exploração (7) positivos em família “*ao domingo então era demais, o meu pai saía comigo, fazia-me sempre as vontades...*” (AAI - B). Por outro lado, estas mulheres não fizeram referências a comportamentos de exploração negativos em família (0). Na subcategoria **Com os “outros”** identificou-se (19) unidades de textos referentes às (n=7) participantes classificadas como seguras, como por exemplo, “*eu andei nos escuteiros desde os 6 anos e foi uma vez que fui acampar...*” (AAI -E). Estas participantes indicaram ainda memórias de comportamentos de autonomia, procura, aprendizagem e exploração do meio circundante percebidos como positivos com os outros (4) como o exemplo: “*quer dizer passar férias com amigos sozinhos, festivais mas assim acho que... eu nunca tive nenhuns problemas... mesmo quando era muito pequena a minha mãe dizia que eu ia com qualquer pessoa, era uma criança fácil...*” (AAI - E). Apresentando por outro lado, menor frequência de comportamentos de exploração negativos com os outros (1): (AAI – G) “*eu tinha 4 anos, há a gala Internacional dos Pequenos Cantores e eu fui lá, tinha 4 anos ainda era muito pequenina e entrei nos bastidores...bem! eu vi pessoas de todas as raças, cores e só queria sair dali...*”.

Na categoria - COMO OS PAIS LIDARAM – as mulheres com um padrão de vinculação seguro indicaram (18) memórias de experiências novas na subcategoria **Pais promovem exploração**, como por exemplo: “*...porque eu pedia-lhe, para ir dar uma volta e íamos...*” (AAI – B); indicaram com frequência superior (6) recordações de pais promovem desadequadamente a exploração “*não queria que nós andássemos a pé ou de outra forma qualquer..., nem à boleia de amigos...*” (AAI – F); ainda com uma frequência inferior, relataram pais limitam/condicionam novas experiências (3) “*todas as mães, ditas galinhas entre aspas, nunca me deixava andar sozinha na rua...*” (AAI – D). Por sua vez, as mesmas participantes mencionaram na subcategoria **reação emocional**, (5) recordações de experiências de exploração com reação emocional positiva dos pais, como o exemplo: “*reagiram bem, o meu pai, pronto, como estava no meio sabia o que se passava, a minha mãe por o meu pai andar nessas andanças também sabia o que é que... o que é que poderia não acontecer e acho que não tinha receios nesse sentido...*” (AAI – E). As referidas participantes recordaram ainda, (2) reação emocional negativa dos pais perante

comportamentos de exploração “acho que no primeiro ano andavam apavorados no sentido que me podia acontecer qualquer coisa...” (AAI – E) e (n=1) relato de reação emocional neutra “...a minha mãe nessa altura também não, interferiu muito com a decisão do meu pai...” (AAI – D).

#### Categorização da exploração no padrão de vinculação Preocupado

*Tabela 3*

*Categorias da exploração emergentes no padrão de vinculação preocupado*

Categorias	Subcategorias	
EXPERIÊNCIAS NOVAS - 1- (24 respostas)	Em família -1-1- (12 respostas)	Positivas (em família) -1-1-1- (3 respostas)
		Negativas (em família) -1-1-2- <b>(5 respostas)</b>
	Com os “outros” -1-2- (12 respostas)	Positivas (com os outros) -1-2-1- (4 respostas)
		Negativas (com os outros) -1-2-2- <b>(6 respostas)</b>
COMO OS PAIS LIDARAM -2-	Reação emocional -1-3-	(reação emocional) Positiva -1-3 -1- (2 respostas)
		(reação emocional) Negativa -1-3-2- <b>(8 respostas)</b>
	Promoção de exploração (pais) -2-1- (11 respostas)	(pais promovem) Desadequadamente -2-2-1- (7 respostas)
		(Pais) Limitam/condicionam -2-1-2- (5 respostas)

---

Reação emocional (pais) – 2-2-	Reação emocional positiva (pais) - 2-2-1- (2 respostas)
	Reação emocional negativa (pais) -2-2-2- (4 respostas)
	Reação emocional neutra (pais) -- 2-2-3- (1 resposta)

---

### 2.2.1. Indicadores da Exploração no padrão de vinculação Preocupado (n=7)

Na categoria de – EXPERIÊNCIAS NOVAS – as participantes classificadas como preocupadas identificaram (24) memórias nas subcategorias de segunda ordem. Sendo que (12) destas referiam-se à subcategoria **Em família** dedicada a experiências novas de exploração em contexto família, como por exemplo “*eu aprendia a nadar e não sei quê e o meu pai me ensinava*” (AAI – F). O mesmo grupo de participantes fizeram referência a (3) experiências de exploração positivas em família “*passamos momentos bons, muito bons, quando íamos para a praia...*” (AAI – M), referiram ainda, com maior frequência, experiências novas, tidas como negativos em família (5) como, “*uma vez que eu fui sair com a minha mãe e com o meu pai, éramos para ir ao cinema, ela começa a berrar com ele e tal, depois voltamos para casa nem sequer chegamos a ir ao cinema...*” (AAI - N), onde se verifica uma experiência de exploração negativa em família. Foram também mencionadas, por estas participantes, identificaram (12) unidades de textos **Com os “outros”** onde as participantes enfatizam experiências como “*...estivemos a trabalhar durante umas férias, num mês e meio...*” (AAI – M). Estas participantes recordaram (n4) comportamentos de exploração positivos com os outros como por exemplo, “*é um namorado que me ajudava muito e... por isso, é assim, por um lado foi bom...*” (AAI – M). Por outro lado, com maior frequência, indicaram episódios de exploração negativos com os outros (n6). Procede-se em seguida à apresentação do exemplo destes dados: “*fomos para casa deles, em Almada e aquele ambiente!... foi dos piores momentos da nossa vida...*” (AAI - N). Por fim, na última subcategoria **reação emocional** as mulheres indicam (2) recordações de reação emocional positiva “*eu ficava com toda a gente, não tinha problemas com isso nem com mais nada...*”,

sendo apresentaram uma frequência superior de reação emocional negativa (8) como se verifica no exemplo seguinte, “*foi um ambiente completamente diferente, era medo, basicamente um grande medo, estar no hospital*” (AAI – J).

Na categoria – COMO OS PAIS LIDARAM – as participantes com padrão de vinculação preocupado indicaram (11) recordações de experiências novas na subcategoria **Pais promovem exploração** “*quando eu aprendia a nadar e não sei quê e o meu pai me ensinava eu achava mágico...*” (AAI – H); com uma frequência de (7) unidades de texto indicaram que pais promovem desadequadamente “*eu sabia que a minha mãe era exigente e não podia fazer determinadas coisas...*” (AAI – I); já com frequência de (5) referiram pais limitam/condicionam novas experiências “*não vás brincar lá para fora porque está frio, muito... “já fizeste isto já fizeste aquilo?” sempre em cima e às vezes havia coisas que..., quando eu digo medo, certas coisas tipo receio de estar a fazer alguma coisa que fosse errado ou que ele visse que eu achava que não estava errada e que ele visse e que desse um berro ou... sei lá...*” (AAI – M). Na subcategoria **reação emocional dos pais** as (n=7) participantes mencionaram de modo residual reação emocional positiva (2) dos pais face a novas experiências de exploração. Seguidamente refere-se o exemplo destes dados, “*Reagiram bem, eles viam que eu ainda era pequenita mas estavam descansados porque eu ia com a minha educadora do infantário...*” (AAI – I), por outro lado, indicam uma prevalência superior de reação emocional negativa (4) como demonstrou o exemplo seguinte, “*diz que os meus pais às vezes estavam a jantar e olhavam para o meu lugar que desatavam a chorar...*” (AAI – J).

## 2.2. Categorização da exploração no padrão de vinculação Desligado

Tabela 4

*Categorias da exploração emergentes no padrão de vinculação desligado*

Categorias	Subcategorias
	Em família -1-1- (8 respostas)
	Positivas (em família) -1-1-1- (2 respostas)
	Negativas (em família) -1-1-2- (0 respostas)
EXPERIÊNCIAS NOVAS -	Positivas (com os outros) -1-2-1-

1- <b>(19 respostas)</b>	Com os “outros” -1-2- (11 respostas)	(4 respostas)
		Negativas (com os outros) -1-2-2- (4 respostas)
	Reação emocional -1-3- (5 respostas)	(reação emocional) Positiva -1-3 -1- <b>(5 respostas)</b>
		(reação emocional) Negativa -1-3-2- (7 respostas)
COMO OS PAIS LIDARAM -2-	Promoção de exploração (pais) -2-1- (12 respostas)	(pais promovem) Desadequadamente -2-2-1- (2 respostas)
		(Pais) Limitam/condicionam -2-1-2- (3 respostas)
	Reação emocional (pais) – 2-2-	Reação emocional positiva (pais) - 2-2-1- (2 respostas)
		Reação emocional negativa (pais) -2-2-2- (2 respostas)
		Reação emocional neutra (pais) -- 2-2-3 (0 respostas)

### 2.3.1. Indicadores da Exploração no padrão de vinculação Desligadas (n=7)

Na categoria de – EXPERIÊNCIAS NOVAS – surgem (19) relatos de experiências de exploração nas participantes classificadas como desligadas em ambas as subcategorias de segunda ordem. Por um lado, descreveram **em família** (8) comportamentos de exploração,



como por exemplo: “*aos fins de semana a gente muitas vezes ia passear, íamos dar uma volta a pé...*” (AAI -Q). Por outro lado indicaram (2) experiências novas revelando-se um número inferior de recordações na subcategoria positivas em família como o exemplo: “*também gosto, tiramos fotografias com a gente em cima da bicicleta e estas coisas...*” (AAI – Q). Já na subcategoria experiências de exploração negativas em família não existe qualquer indicação por parte das (n=7) participantes à mesma. Por sua vez, as referidas participantes recordaram (11) experiências novas na subcategoria **Com os “outros”**. Seguidamente é apresentado o exemplo ilustrativo destes dados. “*...fui com a escola à neve(?) lá para os....(será Picos) da França...*” (AAI – Q). sendo que ainda indicaram (4) experiências de exploração positivas com os outros como por exemplo: “*se fosse passar o fim de semana de colegas minhas, ai! Eu queria ir e queria lá ficar durante mais tempo...*” (AAI – P) e (4) de experiências negativas com os outros “*com contrato de 6 meses só estive lá 20 dias porque senti falta dos amigos, da minha mãe...*” (AAI - T). As participantes classificadas como desligadas indicam também na subcategoria **reação emocional**, (n=5) recordações de reação emocional positiva “*Eu quando saía com ela era feliz, andávamos sempre contentes e isso tudo, quando saía com ela, ia sempre contente...*” (AAI – V) e com maior frequência (7) reação emocional negativa “*era a primeira vez tinha cinco anos ia com um bocado de medo, depois não queria ficar lá na escola, comecei a chorar que queria vir embora...*” (AAI – U), não identificando nenhuma reação neutra em momentos de exploração.

Por ultimo, na categoria - COMO OS PAIS LIDARAM – as participantes desligadas indicaram (12) momentos em que os **Pais promovem exploração** como por demonstra o exemplo, “*eu queria sair e ela deixava-me ir...*” (AAI – R), por outro lado, recordaram (3) experiências em que os pais promovem desadequadamente a exploração “*portanto o meu pai era exigente em todas estas facetas ...*” (AAI – S) e ainda (3) memórias em que os pais limitam/condicionam as novas experiências “*quero sair até mais tarde só que ele não me deixa...*” (AAI – R). Por outro lado, estas participantes mencionaram na subcategoria **reação emocional dos pais** a nível de exploração (2) recordações de reação emocional positiva dos pais face a novas experiencias “*em relação à ginástica ele não percebe muito mas ele ficava contente que a gente exercesse também em qualquer desporto...*” (AAI – Q), (3) em reação emocional negativa (2) “*também lhes custou porque entretanto ficaram a viver os dois novamente sozinhos...*” (AAI – S) e ausência de indicação em reação emocional neutra dos pais em relação ao momentos de exploração destas participantes.

### **3. Análise e Discussão dos resultados**

Segue-se a análise e discussão dos resultados, no sentido de responder aos objetivos traçados para o presente estudo.

Na globalidade dos resultados e face aos indicadores mentais representativos da exploração recordados pelo grupo clínico em estudo, em todas as participantes foi possível encontrar-se relatos de experiências novas de exploração. Estes comportamentos verificaram-se em contexto familiar e percebidas pelas participantes, como positivas e/ou negativas. Para além do contexto familiar, as pacientes indicaram ainda, comportamentos de exploração “com os outros”, aos quais por sua vez, lhes foi atribuída, pelas participantes em estudo, uma conotação positiva e/ou negativa. Face aos comportamentos de exploração e contextos anteriormente referidos, o grupo clínico fez referência a reações emocionais positivas e/ou negativas das experiências.

Por outro lado, foi possível encontrar-se indicadores de promoção para comportamentos de exploração por parte das figuras parentais. Assim, no que concerne aos indicativos de promoção da exploração, foi possível verificar-se manifestações assumidas como desadequadas pelos pais face aos comportamentos de exploração das participantes, bem como, limitação dos mesmos comportamentos. Por fim, encontrou-se relatos associados a reações emocionais, por parte dos pais, perante tais comportamentos de exploração, contemplando estes, reações emocionais negativas e/ou positivas.

Com esta análise foi possível perceber que nos dois grupos de pacientes com PCA (seguras, preocupadas e desligadas) existiu uma relação entre sistema de vinculação e representações de história de exploração. Sendo que esta relação aumentou em representação de acordo com a segurança da vinculação, ou seja, quanto mais seguras as participantes, mais ativo o seu sistema de exploração. O que vai de encontro a trabalhos anteriores, onde foi reportada a presença de mais comportamentos de exploração em sujeitos seguros (Green & Campbell, 2000).

Ao examinar-se de que forma os três padrões de vinculação se revelaram diferentes na história de exploração das participantes, encontrou-se diferenças entre os três grupos relativamente à percepção em relação a Experiências Novas em que as pacientes classificadas como seguras descrevem mais experiências de exploração quando comparadas com as classificadas de preocupadas e desligadas o que vai de encontro à relação entre vinculação segura e ativação de sistema de exploração, descrita na literatura (Ainsworth & Bell, 1970). Esta relação entre a representação do modelo de vinculação, foi

confirmada no estudo de (Lima, 2009) o qual indicou que a qualidade das relações íntimas precoces com a(s) figura(s) de vinculação tende a manifestar-se nas interações interpessoais futuras. Assim entende-se esta diferença de exploração, entre um padrão seguro e inseguro, pelas histórias prováveis de vinculação perturbada, que se manifestam em modelos internos dinâmicos de insegurança face a tais comportamentos.

Por outro lado, pode-se verificar que as participantes com um padrão de vinculação desligado são o grupo que descreveu menos experiências de exploração, o que poderá associar-se a uma perceção de uma realidade ameaçadora, perceção transmitida pelo padrão de vinculação inseguro/evitante da figura de vinculação. Estes resultados poderão estar associados aos descritos por Elliot e Reis, (2003) em que sujeitos com um padrão de vinculação desligado apresentam uma perceção de indisponibilidade do cuidador o que se traduz por desinteresse pelo ambiente. Assim, percebe-se uma falta de cuidados parentais no padrão de vinculação desligado nomeadamente, de promoção da exploração, o que acarreta insegurança e consequente desinteresse em explorar (Green e Campbell 2000; Schmidt, Humfress & Treasure, 1997).

Por outro também o grupo com vinculação tipo preocupado, descreveu menos experiências de exploração em relação ao tipo seguro, o que poderá dever-se a uma vinculação pouco apoiante de autonomia e estímulo para a exploração. Estes resultados poderão estar associados aos encontrados no estudo de Hazan e Shaver, (1990) em que sujeitos preocupados, revelam níveis excessivos de preocupação para com a disponibilidade e aceitação dos outros, o que por sua vez vai contribuir para uma diminuição das aprendizagens do sujeito.

Este dado, pode ainda ser entendido a nível da prestação dos cuidados parentais, visto que as mães preocupadas tendem a manifestar comportamentos impositivos e pouco promotores da autonomia necessária ao desenvolvimento das filhas, consequentemente, passa a prevalecer, nos sujeitos preocupados, um sentimento de ineficácia o que limita as experiências de exploração ao existir uma dificuldade na separarem da mãe-filha (Bruch 1973, cit. in., Dias, 2007).

Esta diferença de comportamento da exploração entre as participantes preocupadas e seguras pode assim, relacionar-se com uma relação patológica entre a mãe-filha e uma mãe não responsiva, intrusiva e emocionalmente exigente. Esta relação tem como consequência a internalização, por parte da filha, de que a principal função dos cuidados maternos é o controlo (Palazzoli, 1974). Esta autora contribui também para esta leitura, com um conjunto de proposições de cariz sistémico mais centradas no funcionamento familiar das pacientes

com AN, propondo um modelo do processo anorético na família. Este modelo enfatiza os problemas de comunicação e de evitamento de responsabilidades, como a uma promoção adequada da exploração (Palazzoli, 1974).

Outra diferença marcada pelas participantes seguras, remeteu para um maior número de experiências de exploração percebidas como positivas em contexto familiar relativamente aos outros dois grupos clínicos com classificações inseguras, o que pode corresponder ao facto de as participantes seguras perceberem os cuidadores como acessíveis e responsivos. O que pode estar relacionado com um padrão de vinculação seguro das figuras parentais marcado pela sensibilidade e competência face à necessidade de exploração das filhas (Lima et al, 2006; Palazzoli, 1974).

Por sua vez, o grupo de participantes classificadas como preocupadas foram as que indicaram menor número de experiências de exploração percebidas como positivas, em família e com os outros, em relação ao grupo seguro e desligado. O que pode ir de encontro com uma necessidade excessiva de aprovação dos outros retirando pouca satisfação destas interações levando a percepções negativas das atividades. Estes resultados poderão corresponder aos encontrados no estudo de Hazan e Shaver, (1999) em termos de níveis mais elevados de preocupação para com a disponibilidade e aceitação dos outros, acabando por não conseguir retirar das experiências a satisfação e aprendizagem possíveis. Esta perspetiva mais negativa perante comportamentos de exploração nas participantes preocupadas, comparativamente às seguras e desligadas, vão ainda, de encontro com os resultados do estudo de Vilarinho (2003) em que se verificou que as organizações preocupadas indicam mais episódios emocionais e mais episódios de raiva, medo e tristeza.

Por outro as participantes classificadas desligadas não apresentaram qualquer comportamento de exploração percebido como positivo em contexto familiar quando comparadas com as participantes classificadas como seguras e preocupadas, o que pode dever-se à expressão emocional negativa característica de um padrão de vinculação evitante das figuras de vinculação. Isto vai de encontro aos trabalhos de Roisman, (2006) que defende que os sujeitos classificados com um padrão de vinculação desligado, apresentam níveis elevados de afeto negativo, comportamentos de desinteresse pelo que os rodeia e dificuldade acentuada de colaborar com os outros, bem como relacionamentos íntimos pouco satisfatórios.

O grupo das participantes desligadas parece contudo ter uma representação mais positiva dos comportamentos de exploração em comparação aos dois outros grupos clínicos. Esta percepção “distorcida” pode dever-se ao facto de não ter sido estabelecido uma vinculação

segura, pelo desligamento e ausência das figuras parentais face à prestação de cuidados, e assim, as desligadas acabam por ter uma representação mais idealizada/menos realista das figuras parentais. Isto vai de encontro com a classificação atribuída às pacientes do grupo desligado, com a *AAI* face a uma representação da vinculação idealizada e passiva característica de um padrão de vinculação desligado (Main & Goldwin, 1998). Corroborando isto, pode-se observar que as histórias construídas do grupo das desligadas pautaram-se pela defensividade, menos detalhe e menos conteúdo ao nível do discurso.

Em relação à representação das figuras parentais, no que respeita aos comportamentos promotores de exploração percebidos pelas participantes, o grupo das preocupadas é que percebe menos comportamentos promoção de exploração por parte dos pais, o que confirma que os prestadores de cuidados com um padrão de vinculação mais preocupado promovem menos autonomia, e interferem de forma significativa na ativação adequada do sistema de exploração. Os resultados obtidos estão em consonância com a ideia transmitida por Hazan e Shaver, (1987) de que a prestação de cuidados é minada pela ansiedade.

As participantes preocupadas e desligadas têm uma percepção idêntica de comportamento de promoção da exploração pelas figuras de vinculação, contudo o modo como essas experiências novas são promovidos difere, isto é, as preocupadas têm uma representação como mais desadequada dessa promoção da exploração das figuras parentais, em relação aos seus comportamentos indutores de autonomia e exploração do meio. O que pode dever-se à superproteção emitida por figuras parentais preocupadas que condicionam novas experiências de autonomia de forma adequada. O que por sua vez está na origem insegura de si próprios e uma grande vulnerabilidade à solidão limitando a independência destes sujeitos (Hazan & Shaver, 1987).

As participantes classificadas como desligadas, por sua vez, também indicam menos comportamentos parentais promotores de exploração do que o grupo de seguras, o que pode ser explicado por pais com menos comportamentos securizantes e de estimulação emocional que ativem o sistema exploratório. O que vai ao encontro dos resultados do estudo de Hazan e Shaver (1987), o qual indica que o padrão de vinculação desligado tende a desvalorizar a necessidade de proximidade e suporte através de um distanciamento emocional, revelando uma baixa responsividade às necessidades do outro.

## Conclusão

Com a realização deste estudo, podemos concluir que relativamente aos três padrões de vinculação avaliados pela *AAI*: seguro; preocupado e desligado, todos os grupos das pacientes com PCA, indicaram uma relação entre sistema de vinculação e representações de história de exploratória, demonstrando que quanto mais segura, mais ativo o sistema de exploração.

Outro dado importante, retirado deste estudo, prende-se com a evidência da existência de diferenças nas histórias de exploração, encontrando-se diferenças entre os três grupos relativamente à percepção em relação a Experiências Novas em que as pacientes classificadas como seguras descrevem mais experiências de exploração. Também em relação à representação das figuras parentais, pode-se verificar que com uma vinculação segura existe uma tendência a perceber mais comportamentos de exploração promovidos pelas figuras de vinculação comparativamente às vinculações inseguras.

Esta investigação contribuiu para a compreensão da relação entre a organização de vinculação e a exploração nas PCA. Por outro lado, foi ainda possível encontrar-se indicadores narrativos/discursivos de exploração na *AAI*, o que permitiu encontrar diferenças comportamentais na representação de exploração. Foi assim importante perceber a relação do sistema de vinculação e o sistema de exploração durante a idade adulta.

Como limitação neste estudo, destacou-se a necessidade de incluir, na cotação das respostas selecionadas, o acordo inter-juizes para que os descritores das respostas fossem avaliados por dois juizes e que o acordo entre estes, possibilitasse avaliar os indicadores mais característicos das respostas em questão.

Parece-nos, então, pertinente deixar algumas sugestões para futuros estudos na área. Seria relevante criar um sistema de classificação para o sistema de exploração, por exemplo através da inclusão de perguntas no protocolo da *AAI* dirigidas a este fenómeno. Seria também importante comparar as representações mentais de exploração com um grupo não clínico no sentido de um maior contributo para a compreensão entre a relação do sistema de vinculação e o sistema de exploração.

Existe, ainda, pouca investigação quanto à influência da representação mental de exploração na idade adulta, o que a torna um campo de ação ainda bastante desconhecido. Este estudo é, por isso, um contributo para o aprofundamento de conhecimentos sobre esta área, que ainda está muito por explorar. Os resultados deste trabalho reforçam a ideia da relação da vinculação e exploração ao longo de todo o percurso desenvolvimental, visto que

estes sistemas comportamentais de base biológica serem constantes no sujeito, e uma mais ampla compreensão dos mesmos pode contribuir para o conhecimento mais global do sujeito.

Este estudo torna-se ainda num contributo significativo para a prática clínica, na medida em que dá diretrizes para a intervenção psicoterapêutica neste tipo de perturbações do comportamento alimentar. Por um lado, reforça o tipo de Aliança terapêutica pois para se intervir tem de se ter em conta o sistema de exploração do paciente, por outro lado, ao perceber-se a complementaridade entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração no sentido de se promover a autonomia relacionada com a segurança interna.

## BIBLIOGRAFIA

- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Routledge.
- Ainsworth, M., & Bell, S. (1970). Attachment, exploration, and separation: Illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development*, 41, 49-67. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/2925307/Ainsworth-and-Bell-1970> [consultado em 05/03/2011].
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Erlbaum.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An Ethological Approach to Personality Development. *American Psychologist*, 46 (4), 333-341. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/journals/amp/46/4/333/> [consultado em 20/04/2011].
- Ainsworth, M & Wittig, B. (1969). Attachment and exploratory behavior of oneyear-olds in a strange situation. In B. Foss (ed.), *Determinants of infant behavior*, vol. 4, (pp. 129-173). London: Methuen.
- Allen, J. Moore, C. Kuperminc, G. & Bell, K. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 69, 1406–1419. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1557707/pdf/nihms-11686.pdf> [consultado em 05/03/2011].
- Anjos, S., (2010). *Desesperança e agressividade na adolescência e qualidade de vinculação aos pais*. (Dissertação não publicada). Lisboa: Universidade Lusófona. Disponível em: [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1258/Tese\\_Sandra\\_Anjos\\_Final.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1258/Tese_Sandra_Anjos_Final.pdf?sequence=1) [consultado em 10/02/2012].
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Young and Adolescence*, 16, 427-454. Disponível em: <http://www.springerlink.com/content/yg2t766071128775/fulltext.pdf> [consultado em 09/05/2011].



Attie, I., & Brooks-Gunn, J. (1995). *The development of eating regulation across the life span*. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Developmental Psychopathology*: Vol. 2. Risk, disorder, and adaptation (pp. 332-368). NY: Wiley.

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 2, 226-244.  
Disponível em: [http://www.sfu.ca/psyc/faculty/bartholomew/attachmentpub\\_files/bh1991.pdf](http://www.sfu.ca/psyc/faculty/bartholomew/attachmentpub_files/bh1991.pdf)  
[consultado em 20/04/2011].

Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. Londres: Basic Books.

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol. 2: *Separation*. New York: Basic Books (pp.407).

Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. Londres: Basic Books.

Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss*. Vol. 1: *Attachment*. New York: Basic Books.

Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, Vol. 50 (Serial N.º 209).

Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. Disponível em: *Developmental Psychology*, 28, 759-775.  
[http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/inge\\_origins.pdf](http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/inge_origins.pdf) [consultado em 20/04/2011].

Brennan, K., & Shaver, P. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 267-284.  
Disponível em: <http://psychology.ucdavis.edu/labs/Shaver/site/Publications/brennanclark98.pdf>  
[consultado em 29/03/2011].

Bretherton, I. & Munholland, K. (1999). *Internal working models in attachment relationships: A construct revisited*. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of*

- Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-114). New York: Guildford Press.
- Bruch, H. (1974). *Eating disorders – Obesity, anorexia nervosa and the person within*. New York: Basic Books, Harper Torchbooks.
- Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.) (1999). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications*. New York: Guilford Press (pp.7).
- Canavarro, M. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M., Dias, P. & Lima, V. (2006) Avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-r (aas-r) na população portuguesa. *Psicologia* XX, (1) 154-186. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a08.pdf> [consultado em 20/04/2011].
- Carlson, E. & Sroufe, A. (1995). Contribution of attachment theory to developmental psychopathology. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Development and Psychopathology*, Vol. 1, *Theory and Method* (pp. 581-617) New York: Wiley.
- Collins, N. & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 4, 644-663.
- Crowell, J., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 434-465). New York: Guildford Press.
- Crowell, J., & Owens, G. (1998). *Manual for the Current Relationship Interview and Scoring System, Version 4*.
- Crowell, J., Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications of theory and research. *Social Development*, 4, 294-327. DOI: 10.1111/j.1467-9507.1995.tb00067.x
- Dias, P. (2007). *Vinculação e Regulação Autónoma nas Perturbações Alimentares*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho: Braga. Disponível em:

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6640/1/Vincula%C3%A7%C3%A3o%20e%20Regula%C3%A7%C3%A3o%20Auton%C3%B3mica%20nas%20Perturba%C3%A7%C3%B5es%20Alimentares.pdf> [consultado em 19/03/2011].

Dozier, M. (1990). Attachment organization and treatment use for adults with serious psychopathological disorders. *Development and Psychopathology*, 2, 47-60.

Eng, W., Heimberg, R., Hart, T., Schneier, F., & Liebowitz, M. (2001). *Attachment in individuals with social anxiety disorder: The relationship among adult attachment styles, social anxiety, and depression*. *Emotion*, 1 (4), 365-380.

Elliot, A., & Reis, H., (2003). Attachment and Exploration in Adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85 (2), 317–331. Disponível em: [http://www.psych.rochester.edu/faculty/elliott/documents/2003\\_ElliotReis\\_AttachmentandExplorationinAdulthood.pdf](http://www.psych.rochester.edu/faculty/elliott/documents/2003_ElliotReis_AttachmentandExplorationinAdulthood.pdf) [consultado em 19/03/2011].

Faria, C. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho: Braga.

Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios.

Fonseca, M., Soares, I., & Martins, C. (2006). Estilos de Vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia*, XX, 184 – 208. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a09.pdf> [consultado em 19/03/2011].

George, C., Kaplan, N. & Main, M. (1984, 1985, 1996). Attachment interview for adults. Manuscrito não publicado, University of California at Berkeley.

George, C. & Solomon, J. (1996) Representational models of attachment: links between caregiving and attachment. *Infant Mental Health Journal*, 17, 198–216. DOI: 10.1002/(SICI)1097-0355(199623)17:3<198::AID-IMHJ2>3.0.CO;2-L

Guerra, A. L. & Braungart-Rieker, J.M. (1999). Predicting career indecision in college students: The role of identity formation and parental relationship factors. *The Career development Quarterly*, 47, 255-266. DOI: 10.1002/j.2161-0045.1999.tb00735.x

- Green, J. & Campbell, W. (2000). Attachment and exploration in adults: chronic and contextual accessibility. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 452-461. DOI: 10.1177/0146167200266004
- Griffin, D. & Bartholomew, K. (1994). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 430-445. DOI: 10.1037/0022-3514.67.3.430
- Grossmann, K., Grossmann, K. & Zimmermann, P. (1999). *A Wider View of Attachment and Exploration: Stability and Change During the Years of Immaturity*. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.) *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 760-786). New York: Guilford Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524. Disponível em: [consultado em 05/04/2011] [http://tulsasa.org/refbase-0.9.5/files/hazan/1987/23\\_Hazan+Shaver1987.pdf](http://tulsasa.org/refbase-0.9.5/files/hazan/1987/23_Hazan+Shaver1987.pdf).
- Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (2), 270-280.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1994). Attachment as an organized framework for research on close relationships. *Psychology Inquiry*, 5, 1-22. DOI:10.1207/s15327965pli0501\_1
- Hesse, E. (1999). The Adult Attachment Interview: Historical and current perspectives. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.) *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp.395-433). New York: The Guilford Press.
- Holtzworth-Munroe, A., Stuart, G., & Hutchinson, G. (1997). Violent versus non-violent husbands: Differences in attachment patterns, dependence and jealousy. *Journal of Family Psychology*, 11 (3), 314-331.
- Kenny, M., & Donaldson, G. (1992). The relationship of parental attachment and psychological separation to the adjustment of first-year college women. *Journal of College Student Development*, 33, 431-438. Disponível em: <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED348639.pdf> [consultado em 10/04/2012].

- Kenny, M. & Hart, K. (1992). Relationship between parental attachment and eating disorders in an inpatient and a college sample. *Journal of Counseling Psychology*, 39, 521-526.
- Kenny, M., & Rice, K. (1995). Attachment to parents and adjustment in late adolescent college students: Current status, applications, and future considerations. *The Counseling Psychologist*, 23, 433–456.
- Ketterson, T., & Blustein, L. (1997). Attachment Relationships and the Career Exploration Process. *Career Development*, 46 (2), 167-178. DOI: 10.1002/j.2161-0045.1997.tb01003.x
- Kobak, R. (1993). *The attachment Q-Sort*. Manuscrito não publicado, University of Delaware.
- Kobak, R. & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development*, 59, 135-146. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1130395?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=47699115807327> [consultado em 11/04/2012].
- Kurdek, L. A. (2002). On being insecure about the assessment of attachment styles. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19, 811-834. DOI: doi: 10.1177/0146167205276865
- Jongenelen, I. (2004). *Vinculação em mães adolescentes e seus bebês: da matriz relacional à matriz contextual*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade do Minho: Braga.
- Larose, S., & Bernier, A. (2001). Social support processes: Mediators of attachment state of mind and adjustment in late adolescence. *Attachment & Human Development*, 3(1), 96-120.
- Lima, V. (2009). Vinculação, representação da relação íntima e interação diádica em Adultos Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9502/1/TESE.pdf> [consultado em 30/04/2011].
- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal. *Psicologia*, XX (1), 51-63. Disponível em:

[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-20492006000100004&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-20492006000100004&script=sci_abstract) [consultado em 30/04/2011].

- Machado, G., Soares, I. & Silva, C. (1996). Avaliação da representação da vinculação e da percepção da qualidade da relação actual pais-adolescentes. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Org.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, Vol. IV, Braga: APPORT.
- Main, M. (1990). Cross-cultural studies of attachment organization: Recent studies, changing methodologies, and the concept of conditional strategies. *Human Development*, 33, 48-61.
- Main, M. (1995). Attachment: Overview with implications for clinical work. In S. Goldberg, R. Muir & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: social development, and clinical perspectives* (pp. 407-474). Hillsdale, N. J.: Analytic Press.
- Main, M. (1995). Attachment: Overview with implications for clinical work. En S. Goldberg, R. Muir y J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social development, and clinical perspectives* (pp. 407-474). Hillsdale: Analytic Press.
- Main, M. & Goldwyn, R. (1984; 1998). Adult attachment classification system. University of California at Berkeley. Manuscrito não publicado University of California at Berkeley.
- Main, M. & Hesse, E. (1990). Parents' unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightening and/or frightening parental behavior the linking mechanism? In M. Greenberg, D. Cicchetti & E. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 161-182). Chicago: Chicago University Press.
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, Serial No. 209), 66-104.
- Main, M. & Solomon, J. (1990). Procedures for classifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation? In M. Greenberg, D. Cicchetti & E. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 121-160). Chicago: Chicago University Press.

- Main, M., and Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and father: Related to conflict behavior and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, 52, 932-940.
- Mallinckrodt, B., Cocle, H. & Gantt, D. (1995). Working alliance, attachment memories, and social competencies of woman in brief therapy. *Journal of Counseling Psychology*, 42 (1), 79-84.
- Minuchin, S., Rosman, S. & Baker, L. (1978). *Psychosomatic families*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Montero, I. & León, O. (2005). Sistema de clasificación del método en los informes de investigación en Psicología. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 115-127. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=33701007> [consultado em 17/05/2011].
- Moreira, M. (2004). *Os vínculos afetivos na toxicodependência: Um estudo exploratório*. (Monografia não publicada). Universidade Fernando Pessoa: Portugal. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/702/1/Monografia%20Os%20Vinculos%20Afetivos%20na%20Toxicodependencia1.pdf> [consultado em 20/04/2011].
- O'Koon, J. (1997). Attachment to parents and peers in late adolescence and their relationship with self-image. *Adolescence*, 32(126), 471-483.
- Ounsted, c., Oppenheimer, R, & Lindsay, J. (1975). *The psychopathology and psychotherapy of the families: Aspects of bonding failure*. In A. Franklin (Ed.), *Concerning child abuse*. Edinburgh: Churchill Livingstone.
- Palazzoli, M. (1974). *Self-starvation: from individual to family therapy in the treatment of anorexia nervosa*. Jason Aronson, New York.
- Parker, G., Tupling, H. & Brown, L. (1979). A parental bonding instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10.
- Pinho, A.F. (2000). *Perturbações do comportamento alimentar e vinculação: contributos para a caracterização clínica*. (Dissertação não publicada). Braga: Universidade do Minho.

- Pinho, A., Neves, L., Jongenelen, Martins, C., Henriques, M., Figueiredo, B., Matos, R., Gonçalves, S., Silva, A. & Soares, I. (1998). *Manual Português de Avaliação do Attachment Interview Q- Sort de R. Kobak*. Unpublished manuscript. University of Minho, Portugal.
- Reindl, C., & Lindsey, T. (2007). *Peer Influence on Male Body Image*. Western Psychological Association 2007 Convention Presentation.
- Ribeiro, E. (2009). *Aliança Terapêutica: da Teoria à Prática Clínica* (2ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Roisman, G., Bahadur, M., & Oster, H. (2000). Infant attachment security as a discriminant predictor of career development in late adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 15 (5), 531-545.
- Roisman, G. (2006). The role of adult attachment security in non-romantic, non-attachment-related first interactions between same-sex strangers. *Attachment & Human Development*, 8 (4), 341-352. DOI: 10.1080/14616730601048217
- Schmidt, U., Humfress, H. & Treasure, J. (1997). Childhood experiences of care and abuse in eating disorders: Clinical and research implications. *European Review of Eating Disorders*, 5, 184–207.
- Simpson, J.A., Rholes, W.S., & Nelligan, J.S. (1992). Support-seeking and support-giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62 (3), 434-446. DOI: 10.1037/0022-3514.62.3.434
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Soares, I. (2002). *A vinculação vinculada*. Lição de síntese de provas de agregação não publicada. Braga, Universidade do Minho.
- Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.



- Soares, I., & Dias, P. (2007). Apego y Psicopatologia en jóvenes y adultos: Contribuciones recientes de la investigación. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7, 177-195. Disponível em: [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/2807/1/art-int-arb\\_2007\\_FEP\\_1465\\_Dias\\_Pedro\\_01.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/2807/1/art-int-arb_2007_FEP_1465_Dias_Pedro_01.pdf) [consultado em 10/04/2011].
- Soares, I., Pinho, A., Martins, C. & Machado, P. (2000). *Attachment and eating disorders*. 7th Biennial Conference of the European Association for Research on Adolescence, Jena, Alemanha.
- Soares, I., Santos, P., Jongenelen, I., Henriques, M., Silva, A., Figueiredo, B., Mascarenhas, Machado, G., Neves, L., Serra, M., Silva, C., Cunha, J. P. & Costa, O. (1996). Avaliação da vinculação e da regulação autonómica da frequência cardíaca na Situação Estranha. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado & M. Simões (Org.). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, IV Vol. Braga: APPORT.
- Sroufe, A., Carlson, E., Levy, A. & Egeland, B. (1999). Implications of attachment theory for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11, 1-14. Disponível em: [http://lifespanlearn.org/documents/A\\_Sroufe.pdf](http://lifespanlearn.org/documents/A_Sroufe.pdf) [consultado em 20/04/2011].
- Sroufe, L., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W (2005). The development of the person. The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood. London :The Guilford Press.
- Stayton, D. Hogan, R. & Ainsworth, M. (1971). Infant obedience and, maternal behaviour: The origins of socialization reconsidered. *Child Development*, 42, 1057-1069.
- Suldo, S. M. & Sandberg, D. A. (2000). Relationship between attachment styles and eating disorder symptomatology among college women. *Journal of College Student Psychotherapy*, 15, 59-73.
- Vilarinho, S. (2003). *Vinculação e emoções nas perturbações alimentares*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Coimbra, Portugal.
- Vilarinho, S., Machado, P., Soares, I., Torres, A. & Brandão, I. (2003). *Vinculação e episódios emocionais nas perturbações do comportamento alimentar*. Comunicação apresentada no V Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Lisboa, Portugal.

- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde(Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). New York: Basic Books.
- West, M. & Keller, A. (1994). *Psychotherapy strategies for insecure attachment in personality disorders*. In M. Sperling & W. Berman (eds.), *Attachment in adults. Clinical, developmental perspectives* (pp. 313-330). New York: The Guilford Press.
- Ward, A., Ramsay, R. & Treasure, J. (2000). Attachment research in eating disorders. *British Journal of Medical Psychology*, 73, 35-51.
- Zimmermann, P, Maier, M. A., Winter, M., & Grossman, K. E. (2001). Attachment and adolescents'emotion regulation during a joint problem-solving task with a friend. *International Journal of Behavioral Development*, 25, 331-343.